

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CRISTINA MARIA COSTA DA SILVA PEQUENO

DEALERS: REDE DE TRÁFICO DE CLASSE MÉDIA EM MACEIÓ

Maceió

2022

CRISTINA MARIA COSTA DA SILVA PEQUENO

DEALERS: REDE DE TRÁFICO DE CLASSE MÉDIA EM MACEIÓ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Ciências Sociais, pelo Instituto de
Ciências Sociais da Universidade
Federal de Alagoas. Orientador: Prof^a
Fernando de Jesus Rodrigues.

Maceió

2022

CRISTINA MARIA COSTA DA SILVA PEQUENO

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Maria Rejane Ferreira – CRB-4 – 1665

P425p	Pequeno, Cristina Maria Costa da Silva. Dealers : rede de tráfico de classe média em Maceió / Cristina Maria Costa da Silva. – 2022. 56 f. : il. Orientador: Fernando de Jesus Rodrigues. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais : bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais, Maceió, 2022. Bibliografia: f. 53-56. 1. Tráfico de drogas - Maceió. 2. Consumo de drogas - Maceió. 3. Vício em drogas. I. Título. CDU: 543.575(813.5)
-------	--

DEALERS: REDE DE TRÁFICO DE CLASSE MÉDIA E MACONHA EM MACEIÓ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Ciências Sociais, pelo Instituto de
Ciências Sociais da Universidade
Federal de Alagoas.

Aprovado em: 21/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Fernando de Jesus Rodrigues, Doutor em Sociologia, PPGS/UFAL.

Emerson Oliveira do Nascimento, Doutor em Sociologia, ICS/UFAL.

Hugo Leonardo Rodrigues Santos, Doutor em Direito Penal, FDA/UFAL

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a minha estrelinha guia que sempre enfatizou a importância do estudo e de um diploma universitário. Mainha, formei. Agradecer ao pai que com todo seu carinho me chamava de “universitária do papai”. Como podemos não falar sobre família, quando família é tudo que temos? Thaty, Nandinho, Mirla, Vivi e Tia Vera, Rosilda, Henrique, Eli, vocês foram essenciais nesse período, fortalecendo diariamente a ideia de que eu conseguiria. Vocês são uma doce família que tem a mania de achar alegria, motivo e razão, onde dizem que não. Agradeço imensamente aos meus dois Carlinhos que tem um lugar especial em meu coração. Não poderia deixar de agradecer o Professor que mais admiro, meu orientador Fernando. Sem você nada disso seria possível. Obrigada por todo apoio, parceria e paciência. Ao Professor Emerson Nascimento por toda ajuda e pelos longos diálogos frutíferos, meu muito obrigado. Aos meus colegas de ouro Ada Rízia e Afrânio minha imensa gratidão pela parceria e por vibrar comigo a cada conquista. E aos atores principais, meus interlocutores, gratidão pela confiança e pela partilha tão rica.

EPÍGRAFE

Ó, quem aprende a escrever
Conhece o peso da caneta (pois é)
O poder, a dor, o prazer, o que for (o que for)
O que sair dessa gaveta (aham)
Entre os milhares de olhares (milhares de olhares)
São milhões de frustrações (milhões)
Todo orgulho e migalha engolidos (todo orgulho e migalha)
Em trilhões de prestações (aham)
E no trilho desse trem (trilho desse trem)
Que balança, mas não cai
Igualzin trabalhador dentro dele (igualzin trabalhador)
Equilibrei minhas emoções
E compus o meu jardim flor da pele (flor da pele).

Resumo:

Os poucos trabalhos publicados sobre o tráfico de classe média demonstram a ausência da produção de conhecimento e sistematização de dados sobre o assunto. O objetivo do trabalho é explorar a partir da perspectiva etnográfica o tráfico de classe média, as dinâmicas empregadas na resolução de conflitos na rede estudada, as estratégias de venda na web e no Idrugs, perpassando as relações entre *dealer* e *maconheiro* nesse mundo privado em Maceió/AL. Para tanto, além dos diários de campo, foram realizadas entrevistas com os *dealers* e com consumidores de maconha e suas especiarias entre 2019 e 2022.

Palavras-chave: Tráfico de classe média; Dealers; Resolução de conflito; Estratégias de venda.

Abstract: The few works published on middle-class trafficking demonstrate the absence of production of knowledge and systematization of data on the subject. The objective of this work is to explore, from an ethnographic perspective, middle-class trafficking, the dynamics used in conflict resolution in the studied network, sales strategies on the web and on Idrugs, permeating the relationship between dealer and pothead in this private world in Maceió /AL. To this end, in addition to the field diaries, interviews were conducted with dealers and consumers of marijuana and its spices between 2019 and 2022.

Key words: Middle class trafficking; dealers; Conflict resolution; Selling strategies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01- Antecedentes dos jovens assassinados entre 2012 e 2018 em Maceió.

Imagem 1 -Cardápio “IDRUGS ” .

Imagem 2- Shatter.

Imagem 3- Dab\Dabbing.

Imagem 4- Preparação para haxixe no copo.

Imagem 5- Encomenda Sedex.

Imagem 6 Encomenda Sedex Aberta.

Imagem 7 Encomenda Sedex Sknuk.

Imagem 8- Cardápio e anúncio no Pvd.

Imagem 9-Hervalife LTDA.

Imagem 10-Venda via web.

Imagem 11 -Cardápio “Idrugs ” grupo dos pedidos.

Imagem 12- A *tiração* da massa de modelar.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Azuzinho= Rupinol;

Arriação de lombra= Fazer ou tentar fazer a lombra passar, acabar;

Areu = sobra das belotas desfeitas;

Atrasar o lado= Prejudicar o brother ou o corre;

Bala = codinome para êxtase;

Barrunfa= Cheiro forte de maconha;

Becks = cigarro de maconha enrolado;

Belotas = única parte da planta da Maconha que se fuma;

Brother = amigo irmão;

Cobrinha de hax = preparo do haxixe no copo;

Copadas = ato de fumar haxixe no copo;

Corre/ progresso/ situação = tráfico;

Dar o pega = fumar maconha;

Desanda = pessoa que regride;

Doces = codinome para LSD;

Fazer pontes = estabelecer conexão entre o usuário e o dealer;

Fiado = comprar e pagar a prazo;

Ice, Dry, Pac = codinome para as variações de Haxixe;

Intera = Forma de uso do verbo "inteirar", no sentido de completar. Completa o dinheiro para fazer o pedido do corre recebendo o equivalente ao valor da sua intera;

kit pala = kit do usuário para fumar; geralmente contém seda, piteira, tesoura, dichavador...artefatos de fumo;

Lupa = Óculos de sol ou de grau;

Massa de modelar = codinome para Haxixe;

mocoizados= Escondido, entocado;

Pago de doido= Se faz de desentendido;

Pedido = pedido via sedex ou transportadora; tráfico via correios;

Prendural= Beck com natural e prensado;

Raio/tiro = codinome para cocaína;

Ratiar= Furtar, regular sem autorização;

Resenha= piada, brincadeiras;

Sk8 = Skate;

Tarar= Parar a balança para pesar;

Tela= Tela de papel contendo 25 unidades de LSD;

Teto preto = pressão baixa; ficar zonzo;

Tirar onda = fazer alguma brincadeira;

Zé droguinha/ noiá = estereótipo negativo do usuário de drogas;

SUMÁRIO

1.0 Introdução ao tema.....	11
2.0 Apresentação do Campo: Os <i>dealers</i> e a inserção nas rodas -----	13
3.0 Consumo -----	22
4.0 <i>O desenrolo da situação na web</i> -----	32
5.0 O certo pelo certo, o crime não é bagunça -----	43
6.0 Conclusão -----	48
7.0 Referências-----	51

1. Introdução

Alguns dos trabalhos que tratam sobre o fenômeno do tráfico de drogas estão preocupados com o proibicionismo que, segundo Fiore (2012), modulou o entendimento contemporâneo sobre o uso de substâncias psicoativas. O que é entendido como proibicionismo teria estabelecido os limites legais para usos de substâncias entorpecentes, algo arbitrário na visão de muitos usuários e coletivos. Outros, estão preocupados com as categorias usuário e traficante e o problema do encarceramento por tráfico. Apesar da Lei das drogas - 11.343/06 ter eliminado a pena de prisão para o usuário, contribuiu para um pico de encarceramento por tráfico no Brasil devido ausência de critérios precisos para classificar quem é usuário e quem é traficante. Para Silveira (2019):

Tendo em vista que os critérios para distinção de usuário e traficante são subjetivos e as condutas descritas nos artigos 28 e 33 da Lei de Tóxicos são semelhantes, o juiz se torna o protagonista do julgamento de um crime por tráfico de drogas, sendo inteiramente de sua responsabilidade a análise dos critérios definidos em Lei e o alcance de sua aplicação. O conflito entre a ausência de objetividade da Lei e o livre convencimento compreendido ao juiz, empregado aos julgamentos, acarreta diversas obscuridades nas sentenças. A lei 11.343/06 não estabelece critérios objetivos quanto aos agentes por ela alcançados, ocasionando um encarceramento em massa baseado exclusivamente em argumentos morais, sociais e políticos.

Deste modo, o enquadramento de tal categoria (traficante ou usuário) torna-se subjetivo, sendo decidido pelos atores da segurança e da justiça, transformando-se numa mercadoria política que :

Operar analiticamente nessa variedade de trocas e negociações ilícitas que correspondem, em grande parte, às representações sociais de "corrupção", "clientelismo", "extorsão", "tráfico de influência", "fraudes econômicas" etc. Em todos esses casos, tenho insistido sobre a necessidade analítica de se abstrair a dimensão moral para compreender esses processos sociais como mais uma forma, não exclusivamente econômica, de *mercado ilegal*. A minha insistência, nesse caso, decorre da constatação de que se trata, quase sempre, de transações que lesionam mais a moral pública que a privada, que atingem mais o Estado do que o indivíduo, e que aspiram a alguma legitimidade particularista ou, ao menos em certos casos, encontram alguma justificação moral ou neutralização da culpa. (MISSE, 2010, p. 99).

Algumas pesquisas se voltam então a pensar a seletividade penal que condena os jovens negros e periféricos por tráfico ao passo em que julgam como usuário o jovem de classe média, devido aos rótulos e estigmas já enraizados nas instituições brasileiras e na própria sociedade. (GRILLO, 2011, P.135-148; SILVEIRA, 2019, P.10; FIORE, 2012;

BARBOSA, 2022, P. 293; NUÑEZ E VERÍSSIMO, 2021; OBERLING, 2011; PEIXOTO, 2022).

Outros trabalhos mais recentes (DAUDELIN E RATTON, 2017; GRILLO, 2012; OLIVEIRA, 2011; SOUZA, 2019; DUARTE, 2019), tratam sobre as diferenças de perfil entre os traficantes e usuários, as lógicas de compra, venda e resolução de conflitos empregadas nesses dois mercados (“*pista e morro*”), -e as diferenças relacionadas às drogas usadas e traficadas, a saber: as sintéticas-*LSD*, *MDMA* e *Bala*, drogas essas mais comuns à classe média e nas festas de música eletrônica. Ou, as convencionais maconha, cocaína e crack que são mais relacionadas ao tráfico feito nas biqueiras, morros ou grotas, sendo alvo de repressão.

Os traficantes dos morros são em sua maioria consumidores de natural ou prensado¹, os tipos mais comuns e baratos da maconha, enquanto que os *dealers* utilizam especiarias como o *Ice*² chegando a custar 130 reais uma grama. Essas diferenças situam os traficantes em dois grupos opostos: os de classe média e os traficantes das biqueiras, morros ou grotas.

Pensando a questão do tráfico dos operadores baixos, há uma discussão voltada à questão das facções. Geralmente os pesquisadores estão pensando a criação e a expansão desses grupos dentro dos presídios e nas favelas, refletindo sobre as reivindicações de direitos feitas por presos e familiares dadas as péssimas condições dos presídios, as disputas territoriais entre as próprias facções, os conflitos entre as facções e o Estado, a relação entre homicídios e as facções, a expansão transnacional do mercado de cocaína, entre outros temas relacionados (BIONDI, 2007; FELTRAN, 2012; SANTOS, 2021).

Estas pesquisas sustentam também, que, apesar de a expansão das alianças das facções ser um movimento nacional, no Nordeste e no Norte, a expansão das facções tem características próprias em cada região e território, ainda que tenham uma relação de interdependência com o Sul/Sudeste como já mencionado por Carvalho, (2021); JÚNIOR et al, 2022; NASCIMENTO e SIQUEIRA, 2022; RODRIGUES, 2020a; RODRIGUES, 2020b). Em Maceió há inclusive grupos que se intitulam *Neutros* representados pela sigla *TDN*³ (*tudo*

¹ O prensado é a forma mais comum de ter acesso à cannabis em países onde o consumo e a comercialização são ilegais. Isso porque, como diz o nome, a planta é prensada e, assim, seu volume fica menor e seu formato facilita o transporte. Além disso, costuma ser um produto mais barato. Não há controle da origem da planta, de como é feito seu cultivo, sua secagem, seu armazenamento e sua prensagem. Assim, em um manuseio descuidado, o prensado pode iniciar um processo de decomposição e fermentação, resultando em mau cheiro, além de ser produzido com galhos, insetos, fungos, amônia e até urina.

² Também chamado de *water hash* ou *bubble hash*, o *ice* consiste num tipo de haxixe extraído com o uso de água e gelo. Seu processo de fabricação se baseia no princípio de que a resina da cannabis é mais pesada e não se mistura com a água.

³ A PM e a PC têm se deparado com um novo movimento criminoso, especialmente em Maceió. Embora haja registro deles desde 2017, foi a partir do ano passado que aumentou o número de traficantes se distanciando das

neutro) que, aparentemente, não se identificam nem com o Comando Vermelho nem com o Primeiro Comando da Capital⁴.

Portanto, os trabalhos que tratam sobre tráfico de drogas, em sua maioria estão abordando a guerra às drogas, e proibicionismo, encarceramento em massa e as facções sobre os tratamentos diferenciados ou não dados aos usuários e traficantes *da pista e do morro*. À partir de inspiração etnográfica, baseada em interlocução com alguns atores e atrizes posicionados nas classes médias, esta pesquisa analisa as formas de atuação e de produção de sentido associada às práticas de comércio de drogas. A partir da compreensão desses atores e atrizes, analiso como funciona a venda e consumo de determinados entorpecentes em Maceió/AL. Para tanto, além dos diários de campo, foram realizadas entrevistas com *dealers* e com consumidores da maconha e suas especiarias⁵ entre 2019 e 2022.

2.0 Apresentação do Campo: Os *dealers* e a inserção nas rodas

Maceió é uma cidade litorânea média onde os grupos que se formam estão sempre em contato graças aos poucos espaços de lazer, como praças, bares e as praias. Assim, a rede ampliou-se cada vez mais ao passo que inicio minha pesquisa sobre o tráfico já inspirada nas histórias e situações que fui acompanhando.

Minha entrada em campo se deu em 2019, quando comecei a me interessar pela temática do tráfico de drogas. Eu estagiava na Secretaria de Segurança Pública, lá tabulava dados de homicídios extraídos dos boletins da polícia civil de Alagoas, estando sempre envolvida com as ocorrências diárias de homicídios no Estado de Alagoas ou a ouvir alguma

facções já conhecidas, criando o que está sendo chamado de *Neutros*. A polícia começou a identificar o movimento a partir de pichações em paredes nas áreas já conhecidas como pontos de tráfico, em bairros, favelas e grotas. Ao invés de PCC, sigla que identifica o Primeiro Comando da Capital, e CV, as letras do Comando Vermelho, começaram a surgir pichações com a “marca” TDN (Tudo Neutro). Até então, as “marcas” *TD3* (Tudo 3, referência ao PCC) e *TD2* (Tudo 2, do CV), delimitando os territórios e as zonas de circulação de moradores, eram as únicas vistas.

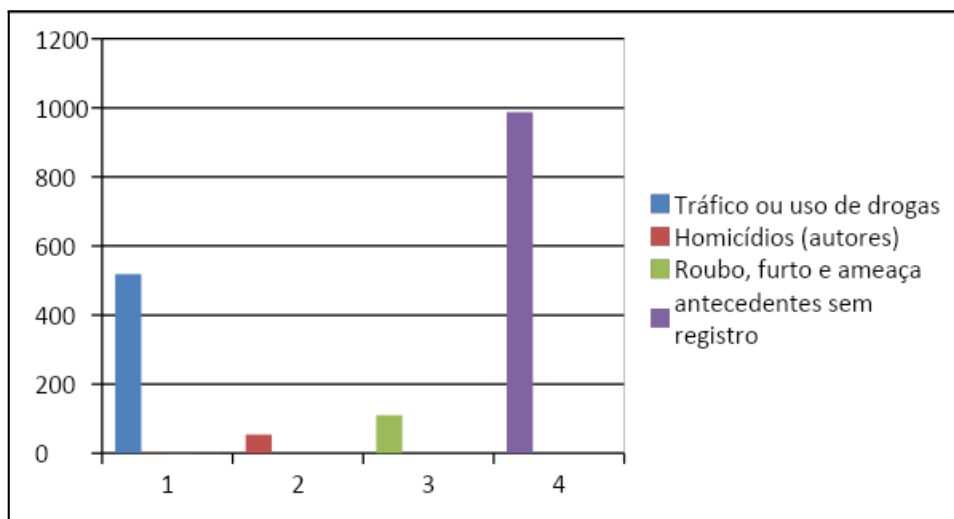
⁴ <https://082noticias.com/2021/08/18/neutros-surge-uma-nova-facciao-criminosa-em-alagoas/>

⁵ Especiarias são os tipos mais concentrados da maconha com maior THC. Quando falamos concentrados podemos nos referir a uma gama de tipos diferentes: Haxixe Ice, Dry Sift, BHO, Rosin, Shatter, Wax, Kief, óleo CO2. Cada um desses possui um método de extração e consumo, bem como diferentes efeitos recreativos e medicinais próprios à cada variedade.

história sobre homicídio. Começou o interesse pelo tráfico uma vez que em Alagoas havia uma relação entre as drogas propriamente falando e os homicídios que equivalia a cerca de 29,33%, segundo os dados divulgados pelo Núcleo de Estatística e Análise Criminal da SSP/AL.

Há um banco de dados interno da Secretaria de Segurança Pública de Alagoas, no qual o NEAC a partir dos boletins de ocorrência sistematiza e analisa os antecedentes criminais de indivíduos que já foram presos ou assassinados. Foi realizado um cruzamento desses antecedentes disponíveis num banco de dados interno da SSP/AL com os dados de CVLI disponibilizados no site da SSP/AL, e, após esse cruzamento foi demonstrado que cerca de 55,74% dos registros de homicídio estão sem os antecedentes das vítimas. 987 casos não constam os antecedentes num total de 1769 casos. Essa carência de dados representa mais um contratempo, contudo não exclui o tráfico como o crime mais praticado já que 29,33% dos jovens tinham envolvimento registrado com tráfico e/ou uso de drogas, uma média de 519 jovens. Seguindo o tráfico, os outros crimes que aparecem nos registros são o roubo, furto e ameaça, sendo o roubo de veículos, a transeunte, ônibus, celular, comércio, entre outros. Eles representam cerca de 110 casos, um total de 6, 21%. Segue o gráfico ilustrativo abaixo.

Gráfico 01: Antecedentes dos jovens assassinados entre 2012 e 2018 em Maceió.



Fonte: SSP/AL.

Vale ressaltar que a hipótese de associação entre tráfico e homicídio não se confirmou uma vez que o uso de violência letal não apareceu na rede de pessoas que pesquisei. Outro ponto de destaque é que esses dados foram retirados dos boletins colhidos pela Polícia Militar no local do fato. Eles se apresentam um dado problemático, uma vez que não houve investigação na apuração daquelas informações prévias ocorridas após o fato. O mais coerente seria utilizar os dados dos inquéritos da Polícia civil.

Quando comecei a refletir sobre a questão do tráfico e dos homicídios uma coisa ficou nítida: havia uma diferença de perfil entre os jovens que estavam morrendo em Alagoas e os que estavam presos também. Na época (2019) eu já tinha acesso a uma rede de consumidores, e por ela consegui fazer meu primeiro contato com os *dealers*. Pude ir ampliando minha rede de conversas e interlocução após um reencontro com dois amigos da escola, interlocutores que possibilitaram essa pesquisa sendo a porta de entrada para pessoas que se percebiam como *dealers*. Juntando a experiência da Secretaria com a realidade que eu via nessa rede de tráfico que passei a nomear como de classe média, comecei a pesquisar sobre a estrutura e as estratégias do tráfico da rede estudada pertencente a classe média.

Paulo já era meu amigo de infância, crescemos juntos e estudávamos na Escola Estadual próxima à nossa casa. Juca já era meu conhecido do ensino médio, tínhamos muitos amigos em comum. Por eles serem mais novos, terminei a escola antes deles e passamos cerca de um ano mantendo um contato mais distante. Em 2019, eu me mudaria para o mesmo condomínio deles e nos aproximamos cada vez mais.

Paulo namorava Rafaela que acabou se tornando a única menina que eu conhecia no condomínio. Saíamos para lanche, para praia até que comecei a frequentar a casa deles. Paulo desde o colégio já usava maconha e lembro-me das histórias da diretora que estava sempre de olho nele chegando uma vez a suspendê-lo. Já Juca era mais reservado, fumava, mas não era *esparrado*⁶, *não andava na sujeira e na barrunfa*. Na época, Juca dividia apartamento com outro *brother*, e Paulo morava com sua namorada, Rafaela. Quando comecei a pesquisar mais sobre o tráfico de classe média comecei a refletir o quanto ambos se encaixavam no perfil dos *dealers*, termo este apresentado a mim um pouco mais tarde por outro interlocutor, Fred.

⁶ Esparrado = chama muito atenção, pessoa espalhafatosa. Exposição desnecessária, seja na internet ou nos espaços físicos.

Eu já havia entrevistado Júnior anteriormente, um dos meninos que compõem o grupo, amigo de Juca e de Paulo. Eu estava pesquisando sobre os garotos de classe média que andavam de *skate* em Maceió para um seminário cujo objetivo era comparar com os garotos da parte alta da cidade que também andavam de skate . Comecei a frequentar uma dessas praças no intuito de conseguir uma entrevista com um daqueles garotos, foi quando conheci Júnior que me concedeu uma entrevista. Além dele havia outros conhecidos na praça como Paulo e Gustavo. Descobri depois que eles eram todos conhecidos. Juca, por trabalhar formalmente de carteira assinada, não costumava estar tanto na praça quanto Paulo, Gustavo e Júnior que, inicialmente, iam me apresentando aos outros jovens e ampliando minha rede. Antes da pandemia, era comum que os jovens se reunissem em rodas nas praças, à noite.

Eles andavam sempre juntos, principalmente em duas praças famosas da parte baixa da cidade. Essas praças, durante a pandemia, se tornaram um *pico* de encontro dos garotos. Não demorou para que me aproximasse de outros jovens da rede nessas praças, visto que diariamente tinha gente da *galera* reunida lá. Uma dessas praças foi reformada recentemente passando então por uma mudança na rotina dos *dealers*. Entre 2018 e 2019 a praça era mais abandonada, havendo pouca iluminação e movimentação de pessoas. Era então um *pico*. Com *seus skates e seus becks*, eles andavam, conversavam, fumavam e/ou consumiam outras coisas, rimavam... era enfim um espaço de socialização daqueles jovens, os quais mais tarde integrariam a rede de pesquisa aqui. A praça cujo os interlocutores nomearam *bote certo* estava no cotidiano deles sendo sempre comum encontrá-los vários reunidos ali.

Bote Certo é uma praça localizada na parte baixa de Maceió onde meus interlocutores costumavam se reunir antes do *lockdown* em 2020, quando os espaços foram ressignificados por eles que durante a pandemia ficavam mais em casa e/ou apartamento, aumentando assim as festas privadas conhecidas como “pvt”. Meu campo começou em 2019, nesta praça.

Na praça Ana Júlia, os skatistas eram alvo de repressão seja pelo barulho do skate, seja pelo traje mais largado ou seja pela associação à questão da maconha. Na entrevista que pude fazer com Júnior e os garotos que andavam de skate lá, era comum abordagens quase que diárias inclusive dos mesmos policiais. Seus rostos já eram então conhecidos tornando-se assim alvo. A *Bote Certo* então foi uma alternativa para esses garotos que buscavam evitar as abordagens.

A *Bote Certo* é uma praça mais escondida cuja movimentação é pouca, em contraste com a praça Ana Júlia que é uma via mais movimentada. A distância entre as praças é

pequena mas já era o suficiente para evitar o constrangimento, por vezes humilhações e até agressões físicas por parte da polícia. Ainda segundo entrevistas realizadas naquela época voltadas para a prática do skate havia um incômodo dos vizinhos ao redor, seja pelo barulho ou pela *maconhagem*. Foi assim então que foi se tornando prática comum sair para a outra praça principalmente quando ia *fumar um baseado*.

Os produtos quando tinham para ser vendidos lá estavam sempre *mocozados* para evitar a perda. Durante a pandemia, se tornou comum a ida desses jovens a *Bote Certo* até que iniciou-se uma reforma nas praças que acompanhavam o resto da orla. Enquanto ficava pronta a reforma era comum a ida desses jovens para fumar geralmente em galera que variava a quantidade de pessoas indo de 6 a 10, ou, até grupos dispersos, duplas, casais, sentados nos bancos da praça. Quando a praça foi reformada houve uma ocupação tanto comercial quanto social do espaço.

As pessoas dos prédios ao redor desciam para passear com cachorro (a reforma da praça incluiu um lugar para os PET's), para brincar com suas crianças (um parquinho foi instalado também no local), para comer nos novos food trucks ou até para jogar na quadra de areia que foi revitalizada. A outra praça já havia sido reformada anteriormente e estava mais lotada do que a famosa "*Bote Certo*". Com as reformas, os novos grupos que ali se estabeleceram não achavam a presença dos meninos *tão de boa* assim. Lembro-me que os meninos sempre comentavam ironizando: "vai fumar um lá? Quer levar um bote mesmo".

O nome *Bote Certo* vem a partir das ocorrências da repressão contra os jovens que ali ficavam especialmente de galera. O percurso da ronda do bairro é entre essas duas praças, eles costumam ficar rodeando-as, se estabelecendo por um tempo e saindo em direção a outra. De início os meninos não se sentiam reprimidos com a presença da ronda do bairro que inclusive é alvo de *resenhas* por alguns deles ao falar que não são nem polícia. Ou quando, por exemplo, *tiram onda* perguntando uns aos outros se eles prendessem alguém levariam no *quadro* da bike.

Desde que começou então essa ocupação da polícia no local houve a dispersão desses meninos que evitam o embate com a polícia. Apesar de que a ronda do bairro tem uma abordagem mais leve que a PM, uma vez que dá o baculejo e quando acha apreende a maconha. Não foi relatado algum caso de agressão física vindo da ronda do bairro. Eles geralmente ficam parados apenas reprimindo a prática dos jovens com o fato de estarem ali

evitando por exemplo que eles fumem maconha ou até marquem para pegar ou entregar algum produto.

Vi naquela praça a *Bote Certo* um lugar frutífero para pesquisar. Comecei a frequentar, fui registrando os diários de campo a partir das minhas idas até lá e ampliando minha rede. Até que conheci Gustavo, o meu primeiro entrevistado. Gustavo foi um importante interlocutor que com apenas 18 anos, havia vindo de SP onde já tinha uma bagagem no tráfico para *sossegar* em Maceió/AL.

Pesquisadora: E quando você começou a ter contato com a venda?

Gustavo: Acho que comecei a vender assim maconha e cocaína eu tinha uns 12 ou 13 anos.

Pesquisadora: Mas já usava os dois?

Gustavo: Não, nessa época só fumava maconha, nunca tinha cheirado cocaína, não gostava muito na época.

Pesquisadora: E porque começou a vender?

Gustavo: Ah, acho que a questão principal das pessoas né, dinheiro, porque assim pode nunca ter faltado muita coisa dentro de casa, comida e roupa, mas você quer sair né, quer sair com uma mina, quer sair com os amigos, quer ir numa festa, na balada, aí você precisa de dinheiro. ” (Gustavo, Maceió, setembro de 2019).

Juca nunca quis ser entrevistado e negou meu convite respondendo-me que não era traficante. Eu comecei a me atentar mais às nomenclaturas usadas por eles. Por exemplo, quando eles estão trabalhando ou fazendo a correria é porque estão negociando, traficando. Essa diferença foi então imposta não só pelo pessoal lá da segurança Pública que achava o traficante na grota do Benedito ou Jacintinho (Bairros Maceioenses tidos como perigosos, que concentram algumas Grotas) mas também pelos jovens de minha rede. Em relação aos consumidores, estes denominam-se como *maconheiros* ou *maconhistas*, mencionando por vezes a categoria *usuário*.

Passei a atribuir o foco então às características desses jovens, uma vez que elas não eram debatidas ou pesquisadas de maneira sólida na literatura como a literatura que abordava o tráfico nas periferias urbanas. E voltei-me a entender também as estratégias do tráfico de classe média *praticado* por aqueles jovens. Quem são então os negociantes de classe média ditos *dealers*?

Dealer é um termo inglês designado para aqueles negociantes no mundo das finanças podendo ser também traduzido como distribuidor. O termo *dealer* tem implicado em seu uso um papel mercantil associado esteticamente à figura do “playboy”. Trata-se de um jovem de classe média, morador de bairros de classe média e tem um poder aquisitivo e um capital cultural considerado mais elevado quando comparado ao traficante morador de periferia urbana.

Dentre a rede à qual eu tive acesso, os *dealers* são em sua maioria homens, jovens e/ou adultos (tendo o mais velho 29 anos) e que concluíram o ensino médio ou até tiveram a oportunidade de ingressar no ensino superior. Dos jovens acompanhados no campo, apenas Gustavo ainda não havia terminado o ensino médio, sendo ele o mais novo com 18 anos completos na época (2019). Entre os entrevistados, apareceram episódios de repetência, mas não é comum pelo menos dentre a rede de jovens estudada haver o abandono total da escola por um período longo, cinco dos meus interlocutores cursavam ou estão cursando o ensino superior, sendo nas mais variadas áreas.

O recorte elaborado aqui repousa na distinção classista não desconsiderando, contudo, a questão racial, mas não tendo a intenção também de classificar os *dealers* como brancos ou amarelos apenas, elaborando uma espécie de generalização. Na literatura já foi extremamente debatida a relação entre crime e pobreza, o que não é comprovado, uma vez que existem os crimes praticados pela classe média, os chamados crimes do colarinho branco. Mas, se não é por dinheiro, por que ser traficante, especialmente quando há uma outra opção de vida?

Pesquisadora: E em relação a venda? Você já vendeu?

Fred: Já, já vendi sim, é acho que meu primeiro contato com tráfico, sem ser comprando né porque o primeiro contato real, era quando ia na boca comprar maconha, principalmente que foi a primeira substância que comecei a usar e que faço utilização continua até hoje, aí lá em SP fiz uns bicos cortando, a gente ia pro barraco que tinha lá na quebrada, aí chegava lá os quilos e a gente cortava, não era nem tanto pelo dinheiro mas pelos beck, que a gente sempre pegava uns pra nós, os *areu* mesmo era tudo nosso, os *areu* que ficava na mesa, eu era bem jovem nessa época tinha uns 14/15 anos por aí, então esse foi meu primeiro contato do tráfico assim, do sistema.

Pesquisadora: E esse dinheiro, você gastava com que?

Fred: Então de início eu gastei o meu dinheiro, eu fui investir em coisas que eu precisava, tlgd? Porque eu vim pra cá né, sou de SP e vim pra cá fazer faculdade ...tava fudido aqui, precisava de grana e aí investi nas paradas que eu precisava, comprei uma bicicleta, saia muito para viajar porque eu sou uma pessoa que gosta de viajar pra caralho, enfim, fiz muitas coisas, comprei um celular

que eu precisava, comprei um notebook pra fazer as paradas da faculdade,tlgd? Enfim, fui investindo nas minhas coisas, fui pagando uma dividas que eu tinha, tlgd? E fiz esse rolê com essa grana, eu acho que eu poderia ter investido muito melhor meu dinheiro, mas é uma parada muito louca assim, eu sempre escutei desde quando eu era mais novo assim no meu primeiro contato ali com tráfico de drogas até hoje assim a gente sempre escuta né que o dinheiro do tráfico é um dinheiro que vai muito fácil, muito rápido, vai embora assim, porque ele vem muito e vem rápido mas ele também vai rápido tlgd?.” (Fred, Maceió, dezembro de 2019).

O tráfico representa para esses jovens então um meio para obter lucro ainda que volátil, lucro esse que é gasto com as novas ofertas do mundo moderno capitalista. Objetos, como roupas de marca (Adidas, Nike, Kenner, Ciclone, Calvin Klein, Element, Oakley...), correntes de ouro ou prata, relógios, *lupa* e iPhone, moto ou carro zero ou de anos mais recentes, são tidos como objetos de desejo da rede pesquisada e talvez até de muitos outros jovens fora desta rede.

No caso dos *dealers* estudados, esses objetos de marca são valorizados e cobiçados, retroalimentado o desejo de possuí-los. Assim, inicia-se a busca para alcançar tal fim pois apesar desses jovens maceioenses que acompanho terem um poder aquisitivo seja considerado maior, não significa que isso lhe permita alcançar tudo que se deseja, como já apontado na entrevista por Gustavo:

Pesquisadora: E porque começou a vender?

Gustavo: Ah, acho que a questão principal das pessoas né, dinheiro, porque assim pode nunca ter faltado muita coisa dentro de casa, comida e roupa, mas você quer sair né, quer sair com uma mina, quer sair com os amigos, quer ir numa festa, na balada, aí você precisa de dinheiro. ” (Gustavo, Maceió, setembro de 2019).

Outro fator crucial é a questão da independência, seja ela financeira ou dos pais, sair de casa e morar sozinho faz parte do constructo desse status social e representa a liberdade. O dinheiro está sempre atrelado também ao consumo de aplicativos ligados à praticidade. O Uber é uma questão de segurança para que eles não precisem circular com os *flagrantes*.

Há até uma *piada* que eles usam para *tirar onda* um com outro: ” Tu trafica e anda de pé?”. Gustavo, um dos interlocutores em uma conversa na roda, chegou a contar o quanto não gosta de usar transportes coletivos, seja pela demora, calor ou pelo fato de ficar de pé. Assim, prefere pegar uber pelo conforto. Contou-me sobre o Uber mais caro que pegou de Pipa para Recife sendo pago pelo serviço um valor de 500 reais, após uma festa para ir a um *after*.

Relatou usar bastante o IFOOD até por não ter tido tanto contato com esses serviços domésticos, como cozinhar e organizar a casa, sendo uma característica a terceirização desse serviço entre os *dealers* da rede pesquisada, ainda sobre o IFOOD assinalou: “Então nessa época eu não ia muito para festa morava junto eu e meu sócio e a gente não vivia muito em festa nem em bar, mas a gente gastava bastante com outras coisas tipo Ifood a gente não cozinhava dentro de casa, só comia de Ifood e na rua”. (Gustavo, Maceió, setembro de 2019).

Pensando agora nas estratégias e na estrutura do tráfico de classe média, apresento a Imagem 1, a qual traz um cardápio de negociação do IDrugs⁷. Quanto mais eu me inseri em campo tive acesso também às ferramentas de web onde essas drogas costumam ser negociadas. Sabemos que as biqueiras têm ponto fixo de venda de drogas, mas por não haver um lugar físico as negociações são feitas exclusivamente via web pelos *dealers*. Isso se dá de duas maneiras: divulgações no próprio perfil ou divulgação no privado do cliente.

A primeira acontece no próprio perfil da rede social do *dealer*, que pode ser em seu perfil pessoal ou profissional. Para evitar *esparros*, as postagens são feitas a partir de uma ferramenta chamada “melhores amigos” cujo acesso é limitado pelo dono do perfil. Assim, cria-se uma lista de pessoas para quem aparecerá a postagem que some com 24h. Quem se interessa pelo produto postado, entre em contato por mensagem e negocia o *corre*.

A outra maneira de negociação é chegar direto no privado do cliente e apresentar os cardápios montados do IDrugs, ou, frases prontas como: “To on”; “Perfume da natura chegou”; “Peça seu buque de flores”, “garanta já seu shake hervalife”. Assim, o cliente responde e caso tenha interesse fecha o negócio. Essa divulgação ocorre também em grupos muito específicos, os quais estejam pessoas de confiança do *dealer*, ou amigos de amigos. Esses cardápios não são postados em qualquer lugar ou enviados a qualquer pessoa, é um ciclo fechado de pessoas onde todos se conhecem e onde há confiança mútua.

O tráfico de classe média é um fenômeno associado a estratégias distintas das do tráfico de drogas das periferias urbanas, como já mencionado por Grillo (2008):

Ainda que as redes do tráfico de drogas tratadas no presente artigo apresentam-se de maneira distinta no que se refere a sua implantação espacial e a suas “estruturas” hierárquica e organizacional, constituindo-se através de sociabilidades particulares a cada uma dessas modalidades do comércio em questão, alguns pontos de contato significativos permite conceber o tráfico de drogas ilícitas como um grande conjunto de redes que engloba os diferentes modos de atuação no

⁷ O IDrugs- em similitude ao Ifood- é um *delivery* do *corre*, onde há um cardápio montado por cada *dealer* de acordo com seus produtos e valores de mercado. (Ver imagem 1).

mercado. Foi observada a interlocução entre os traficantes “da pista” e “do morro”, demonstrando a complementaridade que se constitui, apesar da concorrência no mercado.

Em Maceió, um achado de pesquisa foi o “IDRUGS” que pode ser visto na imagem acima. O cardápio é montado por cada *dealer* de acordo com seus produtos e valores de mercado. No exemplo demonstrado são vendidos os *doces* cujo a substância LSD é representada pelo “jogo da velha”.

Imagem 1- Cardápio IDRUGS



O *doce* com 205ug custa em média 29 reais a partir de 10 unidades -ou 10# quando é no *pedido*-. O *gelo* é o *emotion* usado para simbolizar o *haxixe ice*. O *ice* é um dos *haxixes* com o nível de *THC* mais concentrado e graças a qualidade é o *haxixe* mais caro vendido em Maceió, chegando apenas uma grama a custar 130 como pode ser visto acima.

Ao final do cardápio tem algumas observações dignas de reflexão. Esses produtos vêm de outros estados brasileiros para Maceió via Correios ou Carta registrada, sendo paga a taxa fixa de 40 reais nesse caso como ilustrado. Os pagamentos são feitos antecipadamente via internet por transferência eletrônica, boleto ou pix, sendo o pix a melhor opção uma vez que é

mais seguro e evita rastreio. A embalagem a vácuo é um método de segurança para evitar que a mercadoria seja perdida pois no caso da maconha seja ela qual for exala muito cheiro.

O papel dos atores da classe média no tráfico de drogas, as relações mantidas com os consumidores, a forma como operam esses mercados parece um fenômeno de grande relevância uma vez que os *dealers* são vinculados a um personagem distinto do traficante de “biqueira” ou de “boca de fumo”. Os dados estatísticos - produzidos pelo estado e o silêncio sobre o assunto nas grandes mídias - encontram poucos estudos sobre a temática no Brasil.

Ao falar de Tráfico aparecem duas lógicas de classe distintas e complementares associadas ao tráfico de drogas - o tráfico de classe média e o tráfico da grota. Focando então no tráfico de classe média, a análise se volta à compreensão das relações no contexto maceioense. Quem são os *dealers*? Como tiveram contato com o tráfico? Quais são as estratégias adotadas pelos *dealers*?

Esse trabalho explora então a partir das vivências dos *dealers* a problemática do tráfico de classe média, descrevendo e compreendendo as estratégias do tráfico de classe média, analisando-as em estratégias de uso, estratégias venda, as técnicas de resolução de conflitos, perpassando suas relações tanto dentro desta rede quanto fora dela.

3.0 Consumo

Outra discussão a ser levantada sobre os *dealers*: o uso de drogas ilícitas. Durante a observação de campo que durou cerca de três anos não houve conhecimento de alguém que vendia, mas não usava ou nunca tinha usado, o uso é algo comum entre eles inclusive o uso de remédios. Diversifica-se apenas o tipo da droga usada, contudo vale ressaltar que podem haver exceções de aderentes que não usem ou nunca tenham usado nada.

Gustavo, Júnior e Paulo estavam sempre juntos fumando ou tomando codeína na praça *bote certo*. O uso de remédios como Rivotril e codeína por eles era comum. Eles compravam nas farmácias próximas um frasco com uma receita falsa que conseguiram de um *brother* de PE. Iam eles mesmos, com a receita em mãos, evitavam ir no *esparro* para não queimar o *corre* da receita. Além da codeína que era tomada misturando na Soda de limão era comum o uso recreativo do rupinol e do rivotril entre esses jovens seja para dormir porque estava *virado* ou para relaxar junto com o *beck*. (Trecho diário de campo, Maceió, agosto de 2019.)

Os remédios também são experimentados por esses jovens com a finalidade recreativa. O uso geralmente inicia pelos remédios ou com a maconha ou simultaneamente. Dentre a rede

o uso mais comum era a Cetamina⁸ ou Ketamina é uma substância usada como anestésico animal que teve sua origem na década de 60. A partir de sua descoberta no meio veterinário, pesquisas foram capazes de comprovar seu efeito em seres humanos.

No Brasil ela é usada em tratamentos para depressão. O uso recreacional da ketamina ocorreu durante os anos 80, como uma “droga de festa” vendida como *ecstasy*. Ela também foi popularizada como uma droga do estupro, agindo como sedativo. Nas festas ela é usada como cocaína, sendo quebrada e cheirada. É comum o uso simultâneo com outras drogas, o que já causou um início de overdose num *brother* da galera em uma festa de ano novo de 2019/2020. Apesar de ter presenciado o fato é bastante comum o uso até fora das raves mesmo.

Outro remédio popular entre os *dealers* tem sido o rupinol⁹ ou o rivotril, conhecidos como *azuzinho* na rede. Eles misturam uma cartela do remédio no suco de laranja e tomam de copo em copo. Geralmente, se toma enquanto se fuma um *beck*. Segundo eles ajuda a relaxar mas não pode exagerar. É aconselhado apenas que não misture com álcool devido os efeitos serem perversos, apagões de memória, vista distorcida, *teto preto*, alguns relataram até que caíram no chão. O *azuzinho* é usado também após alguns dias virados sem dormir. Ajudaria a dormir mais rápido e a relaxar o corpo. Nesses casos, o uso é mais comum após as festas com intuito de dormir mais rápido.

Ao entrar, Paulo me apresenta a Nando. Sou cumprimentada com um aperto de mão e ele se senta na mesa ao nosso lado. Pergunta onde estaria Rafael e completa dizendo que precisa fumar para relaxar pois estava put* com Bruna, sua namorada. Sem detalhes, conta que brigou com ela e que precisa levar um *haxixe* para ela se acalmar também. Sem demoras, Rafael *encosta* e sobe. Paulo novamente faz as honras apresentando-os. Rafael me cumprimenta e senta-se na minha frente, retirando do bolso uma cartela de comprimidos. Os três riem e comemoram ao ver a cartela e perceber que se tratava “do original”. A cartela de remédio é o famoso rupinol conhecido por tratar doenças como ansiedade e depressão. O rupinol é usado como um relaxante para alguns dos meus interlocutores, sendo condenado por outros devido aos danos colaterais causados pelo remédio. É no famoso *suco de azul* que eles se fazem. O suco é preparado de forma bem simples. Com um suco Del Valle de laranja, são quebrados os comprimidos com uma colher e o pózinho é adicionado à garrafa de suco de laranja. Logo o suco vai ficando esverdeado e quando se observar no fundo a diluição das pedrinhas que sobram está pronto. Nando pega o suco e a cartela e vai preparar na cozinha enquanto Paulo bola seu *baseado de haxixe com tabaco*. (Trecho diário de campo, Maceió, julho de 2022.)

⁸ <https://www.ecycle.com.br/ketamina/>

⁹ <https://www.mundosemdrogas.org.br/drugfacts/prescription/rohypnol.html>

Outros remédios que aparecem pontualmente sendo usados de maneira recreativa foram a Ritalina e o Franol. O Franol¹⁰ é um broncodilatador usado na prevenção e no tratamento da asma brônquica e do broncoespasmo, cujo a efedrina é uma das substâncias junto à teofilina. As reações adversas com Franol podem causar arritmia, taquicardia, palpitação, rubor, vertigem, tremor, ansiedade, agitação, alguns dos sintomas de euforia causados também pela cocaína. O Franol tem sido usado inclusive na musculação como uma forma de perder peso acelerando o metabolismo.

Já a Ritalina¹¹ é um medicamento da família das anfetaminas. O metilfenidato — nome científico da ritalina — é o estimulante mais consumido no mundo. Ela é prescrita para crianças, adolescentes e adultos portadores de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) — um tipo de distúrbio neurológico causado por um mau funcionamento das estruturas neurais, que provoca impulsividade, inquietação e desatenção. Ocorre que o consumo indevido e abusivo dessa droga pode causar uma dependência de ritalina. Ela é classificada pela Drug Enforcement Administration como um narcótico e tem os mesmos mecanismos de ação da cocaína.

O cotidiano do *dealer* tem um peso muito grande também sobre o uso uma vez que o mesmo precisa estar inserido nas festas para vender e costuma fumar maconha durante as entregas desse modo adquire o hábito de usar frequentemente. Em algumas circunstâncias há uma pausa na frequência que se expressa na frase “*dei um tempo*” repetida por muitos desses jovens, os motivos podem ser os mais variados, pais ou vizinhos reclamando, abordagem policial, questões de saúde (por vezes até casos mais sérios como internamentos) ou até mesmo pelo reconhecimento do abuso.

No caso dos traficantes estudados, fumar maconha ou haxixe integra-se harmoniosamente ao estilo de vida cultivado e faz parte da rotina profissional do traficante. As transações costumam ser conversadas pessoalmente enquanto fuma-se um baseado, de modo que um traficante que recebe muitos clientes (revendedores ou consumidores) em sua casa, num mesmo dia, ou marca de ir até o seu o seu contato, acaba fumando a cada um desses encontros (GRILLO, 2008, p. 98).

¹⁰ <https://www.saudedireta.com.br/catinc/drugs/bulas/franol.pdf>

¹¹ <https://pfarma.com.br/informe/5112-o-perigo-do-uso-indevido-da-ritalina.html>

O uso varia bastante quanto ao tipo, os que mais aparecem são os que ou só fuma maconha, ou quem usa tudo menos cocaína e ou quem usa de tudo. A cocaína é sempre trazida como a droga mais pesada (Quem a vende não usa senão “*desanda*” e pode acabar se endividando), alguns não querem saber de traficar não. No que diz respeito às demais drogas como assinalado por Fred:

Agora bala e doce você vai vender bastante quando está em temporada de rave mesmo que a galera quer curtir porque é uma droga em tempo de festa, então você vai vender bastante perto carnaval, perto de festas de meio do ano que o pessoal tá curtindo, quando tá pra rolar uma rave grande, como eu não gosto muito de ir nesse *rolê*, de ficar 24h/48h vendendo, eu prefiro vender só maconha e cocaína é uma parada é extremamente arriscada vender, o lucro é muito alto mas eu não sei se compensa, então sempre preferi vender algo que eu tenho propriedade sobre aí sempre preferi vender maconha. (Fred, Maceió, dezembro de 2019).

Até na questão do consumo os *dealers* bem como os *maconhistas* das camadas médias se diferenciam usando drogas sintéticas diferenciadas como o haxixe no copo ou *shatter* no *dab* (extrato da maconha altamente concentrado, mais caro, custando em média 200 reais a grama podendo sair a 100 “*no pedido*” e mais difícil de encontrar, que necessita de um objeto específico para ser fumado, ver Imagem 4). Como já narrado por Grillo (2008, pg. 96);

De fato, no caso do consumo de drogas de qualidade percebida como superior e mais sofisticada, ostenta-se até mesmo as técnicas para o seu consumo. Um exemplo seria o ritual de se “apertar” um “baseado” de haxixe: queima-se um cigarro de tabaco longitudinalmente com o isqueiro, abrindo-o e retirando o tabaco torrado; “desberlota-se” o haxixe com o auxílio de uma tesoura, picotando-o bem; mistura-se os dois com os dedos sobre uma seda, na qual é enrolado o cigarro; recorta-se um pequeno pedaço da cartolina da embalagem de seda, enrolando-o para fabricar uma piteira, a qual é “apertada” junto com o haxixe, numa extremidade do cigarro. Ao fumar, o usuário deve tomar cuidado para não bater as cinzas, pois isso faz cair as bolas de haxixe. Esses complexos processos de preparo dos artigos a serem consumidos, realizam-se publicamente, isto é, em pé na “noitada”, sentado na praia, protegendo-se do vento, etc...

Aqui em Maceió os *maconhistas* costumam dar *copadas* ao invés de apertar o Haxixe no cigarro. Utilizando-se de um copo de dose ou um americano eles fazem uma *gambiarra* com um palito de dente ou com agulha, e prendem no palito uma *cobrinha de hax* (Ver Imagem 5). Acendem a ponta da cobrinha, tampam a boca do copo com qualquer coisa como cartão, celular, caixa pequena... e fumam afastando devagar a tampa abrindo espaço para *dar o pega*.

A *copada*, segundo eles, é melhor para fumar pois aproveita mais o haxixe que ao ser misturado com o cigarro perde seu gosto original e mistura a brisa com *teto preto* a brisa que o cigarro traria. Uma segunda opção é comprar tabacos naturais e bolar com estes o haxixe usando um filtro orgânico para disfarçar mais o gosto e amenizar nas substâncias que o cigarro traz.

O *shatter* já é fumado no *Dab*. Uma espécie de cachimbo de vidro onde é colocado uma bolinha equivalente a *um pega*. Por ser um óleo ele se dissolve mais rápido que o haxixe que parece mais com a consistência de uma *massa de modelar*, nomenclatura essa dada por *maconhistas* da rede.

Imagem 2 Shatter





Disponível em: <https://www.cbdtherapydelivery.it/dabs-rosin-bho-e-shatter/>

Imagem 3- Dab\Dabbing



Disponível: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fpt.aliexpress.com%2Fitem%2F32946556577.html&psig=AOvVaw1L4mko4eYwO1DJgMKO40wj&ust=1645473765508000&source=images&cd=vfe&ved=0CAsQjRxqFwoTCPDt0dGJj_YCFOAAAAAdAAAAABAE

Imagem 4- Preparação para haxixe no copo



Entre os *dealers* acompanhados esses anos, a maioria, são consumidores de maconha, fumam especiarias da planta como o *skunk* ou o *haxixe*. Essas especiarias são mais caras, mais raras e mais concentradas. Alguns arriscam-se até a fazer em casa o haxixe a partir da extração do *areu* que sobra quando eles pegam em maior quantidade o *natural*. O *natural* e o *prensado* são menos comuns aos *dealers* sendo as drogas que estes costumam vender para os *maconheiros*. O *prensado* só é pego quando é bom e geralmente quando aparece na roda é misturado com natural, o famoso *prendural*. O uso podemos dizer que é o primeiro contato com as drogas, a partir do uso vai iniciando-se um processo no qual o sujeito se identifica com o grupo e suas práticas.

Como já relatado por alguns interlocutores, o contato com o tráfico começa inclusive para que o consumidor use a droga sem pagar justamente por *fazer pontes* entre os amigos. O uso tem um destaque nos debates sobre a Lei das drogas, onde ele acaba sendo o meio por onde ocorre a seletividade penal. A Lei das drogas, a Lei 11.343/2006, trouxe a ideia das penas alternativas separando ideologicamente estas para os usuários, promovendo ainda

ideologicamente o tratamento desses. Do outro lado da moeda está o traficante que é antes de tudo um inimigo social, estigmatizado que precisa ser repreendido e encarcerado para não destruir mais famílias. Mas há um encarceramento em massa no qual o tráfico de drogas está entre os três primeiros crimes que mais prendem no Brasil. Quem são os corpos que ocupam os presídios?

O do jovem negro e periférico que é alvo da guerra contra as pessoas cujo o nome ideológico é guerra contra as drogas. A separação trazida pela lei estigmatiza no Brasil quem é o usuário que pode ser tratado pois é viciado e doente ou quem vai ser enterrado e preso pois é criminoso e bandido. Essa separação vale lembrar que vai desde o primeiro contato nas ruas com policiais até os presídios perpassando o judiciário. A instituição que desempenha o tratamento e a reinserção desse público usuário negro e jovem é a Igreja que tem ganhado um espaço nesses meios tidos como violento apresentando-se como uma saída ao crime.

Já os consumidores geralmente são levados a uma clínica particular e até mesmo vinculada à Igreja a depender de sua condição e do apoio dos familiares, sendo raras as exceções que chegam a “subir ao presídio”, sendo mais comum detê-lo até uma delegacia. Quando há o apoio da família, e em grande maioria dos casos há, o consumidor se insere no grupo facilmente não recebendo o estigma na mesma intensidade do jovem periférico ou ex-presidiário.

Márcia, uma colega do trabalho, chegou atordoada numa manhã comentando que acordou com a Polícia Federal tocando a campainha. A Polícia cumpria um mandado de prisão em desfavor de Heitor, seu vizinho:

Meu marido levantou e atendeu. Voltou ao quarto se trocando e dizendo que a PF está aqui embaixo. Assustada eu perguntei “como assim Roberto?”. Ele disse que eles têm um mandado de busca, apreensão e prisão no nome de Heitor.” Heitor, ela seguiu dizendo, cresceu com meus filhos, é nosso vizinho. Ele tem apenas 25 anos, morava com sua avó desde pequenininho lá. Sua avó, Dona Gedalva faleceu em fevereiro. A mãe sempre ausente, ele acabou que continuou lá mesmo. Tava morando sozinho lá. Sempre víamos farra mas droga nunca tinha visto não. Era sempre umas meninas, umas putarias. A vizinha mesma contou que ouvia umas coisas pornográficas. Ele só estava vivendo de festa. Quando não era no apartamento, era na rua mesmo. Eu saía para trabalhar e cruzava com ele chegando de manhã no elevador. Nunca desconfiei que usava nada ainda mais que vendia. E ele estava envolvido com facção.” Fiquei meio pasma e perguntei: “Mas ele foi preso?” Ela já havia dito do mandado de prisão anteriormente. Ela então narra. “A polícia entrou no condomínio. Subiu. E bateu na nossa porta. Sou vizinha de frente do Heitor, ele não estava em casa, mas eles precisavam entrar mesmo assim. O policial me explicou que era por causa do mandado de busca e apreensão. Chamou eu e meu marido dizendo que seríamos testemunhas e entraremos com eles. Me recusei. Não queria me meter com aquilo. Heitor sempre foi um menino tão educado, do bem, bonito. Eu o perguntei: “O senhor tem certeza que é esse Heitor

mesmo, moço? Não é possível, a gente não vê ele com essas coisas de droga aqui não.” Ai menina o Policial disse: “Senhora estamos investigando ele desde Fortaleza. Além de tráfico ele tem lavado dinheiro do tráfico para uma facção. Eles são uma quadrilha.” Eu pedi licença e chamei meu marido. Disse a ele para não nos metermos. (Trecho diário de campo, Maceió, agosto de 2022).

Dentre a rede estudada não houve até o momento exposição dos jovens envolvidos com o tráfico por suas famílias ou vizinhos, ainda menos na mídia. Nesses ocorridos eles costumam viajar até a poeira baixar, indo para casa de outros familiares onde o mesmo esteja sob supervisão depois do internamento ou como solução até ao próprio internamento, focando no afastamento deste com esse mundo das drogas e dos amigos que também consomem, como é o caso de um *dealer* que acompanho.

Após a retirada deles dois de um grupo de Whatsapp soube da invasão a casa deles, momento em que levaram ela presa e ele estava foragido. Os boatos corriam pelos grupos e nas conversas em rodas de amigos, era de que invadiram a casa, levaram-a presa com acusação por tráfico de maconha. Ambos eram *maconheiros* e suas famílias tinham o conhecimento. As notícias eram de que ao chegar em casa, ele encontrou a casa aberta e saqueada, sem vários objetos eletrônicos como TV, caixinha de som e notebook. Seus vizinhos informaram-lhe que Joana tinha sido levada pela polícia. Romeu, após a poeira baixar nos explicou que sua mãe o levou para o interior cujo nome não me lembro. Para esperar vê o que acontecia, o que Joana falaria, esperar vê o andamento das investigações tirando-o assim de cena. Romeu passou meses sumido sem que se tivesse notícias dele. (Trecho diário de campo, Maceió, maio de 2018).

Os comentários sobre o fato costumam ser evitados e até omite-se o fato em si informando coisas como “fulano está viajando”. A roupa suja é lavada em casa, não sendo conhecido muito sobre essas pessoas, suas relações com o crime e suas experiências, não há notícias, dados e estudos que foquem mais nessas coisas, estando tudo atrelado a classes mais vulneráveis quando o assunto é violência.

Problemas como o dos adolescentes que desobedecem à lei são tópicos controversos dentro dos condomínios. Vários moradores acham que tornar esses problemas públicos vai diminuir o valor de sua propriedade. Além disso, eles veem esses problemas como um assunto privado para ser tratado internamente: uma questão de disciplina, não de lei! Os segredos são mantidos especialmente no caso de condomínios como Alphaville, famoso por sua segurança interna e onde houve um incrível aumento no valor da propriedade ao longo da última década. (CALDEIRA, 2000, pg. 278)

Quem usa têm interesse em manter-se anônimos e não gostam de exposição. Estão sempre também procurando manter uma boa relação com o *dealer* para que não fique sem o

produto e discutir ou criar algum tipo de conflito nem de longe passam pelas suas cabeças. Esse ponto merece destaque uma vez aconteceu uma situação com Kleber na qual o mesmo foi passado para trás, mas nunca quis cobrar ou quis confusão.

Estávamos no primeiro ano de pandemia e cada vez mais a crise da maconha aumentava acompanhando a de outros produtos. Em 2019, a maconha custava 50 reais 25 gramas de *natural*, enquanto o prensado era vendido por 40 ou 50 reais. Lembro-me da fatura de natural e do *Skunk* que sempre foi um sinônimo de status em meio aos jovens, uma vez que é mais caro. Não havia muita diferença de preço como até hoje não há. Durante a pandemia a maconha triplicou de preço devido a sua escassez e mais ainda a sua qualidade.

Tiveram alguns naturais e até mesmo prensados sendo vendidos por 110 reais, mas de baixíssima qualidade por ser considerado apenas o *areu*¹² prensado, tanto que se desfazia. Ou, no caso do natural, eram *belotas* secas misturadas com muito *areu*. Uma natural de qualidade ou o *pren gold* (prensado ouro mais verde, mais caro e por vezes comparado ao skunk) custavam 150 reais o que apesar de achar um absurdo, os consumidores pagavam. Alguns contatos costumam ser fixos até certo tempo, não sendo nada duradouro uma vez que esse mundo do tráfico tudo é muito volátil.

Às vezes, como foi o caso de Kleber, o consumidor mantém aquele contato por alguns meses, o que vai gerando e fortalecendo uma confiança mútua, que pode resultar até em vendas no *fiado* quando o cliente paga certinho e é *playboy* (o que segundo os *dealers* era um sinônimo que pagaria pagar a dívida).

A história contada por Kleber foi que ele pegava com este homem já há um tempo. Ele era um pouco mais velho do que os garotos da rede. Os *corres* aconteciam sempre na via movimentada Marechal Deodoro. Esta via é uma das principais vias da parte baixa de Maceió, concentrando assim bares, comércios e alguns prédios de pequeno porte. Ao combinar de buscar novamente um *corre* de 25 g no mesmo local Kleber foi enganado. O *corre* acontece de maneira muito rápida sem chamar atenção inclusive dos *Big brothers* como são conhecidos os apartamentos. “Nos apartamentos sempre achamos que não tem ninguém olhando, mas na verdade é um Big Brother” disse uma vez Paulo sobre um *baculejo* que levou. Segundo Kleber, o homem trazia então já em uma sacola o produto a ser entregue, o pagamento poderia ser feito em pix ou em dinheiro na hora da transação. É com um aperto de mão que o *corre* é pago enquanto se pega a sacola e sai. No dia em questão, Kleber conta que não teve nada demais. Como sempre combinaram a hora e se encontraram no mesmo local. Ele pagou os 150, pegou a sacola e saiu. Ao

¹² O *areu* por ser a sobra das *belotas* desfeitas não causa os mesmos efeitos da maconha. Ele é misturado com galho e sementes e pode causar dor de cabeça.

abrir a sacola após sair do local, Kleber é surpreendido com uma planta. Literalmente um tipo de planta qualquer. Kleber faz um vídeo e posta no grupo avisando do ocorrido. Fala com o homem que já o bloqueou. Sem saber o que fazer, recorrendo então aos outros amigos que com ele pegavam ele tenta ver se consegue recuperar o dinheiro de volta. Um dos meninos amigos de Kleber que também estavam no grupo, pega então o contato do homem e manda uma mensagem. Na mensagem ele falava ter dividido o corre com o Kleber e que eles haviam sido *tirados*. Cobrou então a maconha assim como prometido. O homem simplesmente o bloqueou sem dar nenhuma satisfação. Com ambos bloqueados, os meninos começam a pensar o que de informação podem reunir sobre o homem. Contudo, para além do contato dele, eles têm apenas uma vaga noção de onde ele mora. Até então não havia sido pensado resolver de outra forma que não fosse o diálogo com o mesmo. (Trecho diário de campo, Maceió, setembro de 2020).

Outro motivo para evitar exposições é o fato de muitas vezes a família não estar ciente do uso que o indivíduo faz, ou ainda, estar ciente mas recriminar. Assim, o próprio consumidor de classe média evita estereótipos ofensivos como “*zé droguinha*” “*noiá*”, preferindo intitular-se apenas como *maconheiro ou maconhista*. Adalberto chegou a me dizer uma vez em tom de brincadeira que o certo era chamar de *bomconhista*, uma vez que o *maconhista* é um cara tranquilo diferente do que a sociedade pensa. Segundo Oliveira (2011), o processo de subjetivação dos jovens que não compartilham uma visão de senso comum, em contraste, não os faz se enxergarem como desviantes, mas, antes, como curiosos, diferentes.

Pesquisadora: E em relação a outras substâncias psicoativas, você faz uso ou já fez?

Fred: ah, com certeza né, risos. Então eu já fiz sim. Depois que eu fiz uso da maconha, eu experimentei loló né que o povo lá em SP chama de lança perfume, eu acho que é um pouco diferente do loló eu acho que é outra substância, tenho quase certeza. E aí depois cheirei cocaína, experimentei doce, chá de cogumelo, bala, é depois de muito tempo assim experimentei crack para ver qual que era a viagem, sou uma pessoa muito curiosa assim, tlgd? E eu gosto de entender as brisas assim, e eu acho que eu tenho muito domínio sobre as paradas que eu uso, tlgd? Tipo assim, eu conheço muita gente que se afundou na cocaína, tipo se “chafurdava”, porr* cheirava pra caralh*, todo dia assim, aí vendia as coisas, parava de trabalhar, quando você vê a pessoa já tá na rua fodida, na merda. (Fred, Maceió, dezembro de 2019).

Demorou um tempo até que eu focasse mais nos *maconheiros* que nos *dealers* uma vez que esses eram meu interesse real de pesquisa. Mas não existe tráfico sem *maconheiro*, afinal é ele quem movimenta a demanda. Assim, estar próxima dos consumidores de maconha e suas especiarias da classe média em Maceió me proporcionou novas aberturas, em relação às estratégias de venda e principalmente sobre o papel da confiança neste mercado.

4.O desenrolo da situação na web.

Com o passar do tempo, o ganho da confiança aumenta. Tenho tido a oportunidade de frequentar a casa de alguns dos jovens que compõem o que chamarei rede de dos *dealers*. Alguns deles, ainda não aceitaram ser entrevistados e percebo que é pelo fato de não se identificarem como traficantes. Porém, por haver uma relação de confiança que tem se fortalecido, eu tenho a oportunidade de estar inserida nas rodas de conversas, de fazer perguntas e inclusive acesso a alguns grupos virtuais de WhatsApp. No dia em questão, eu estava na casa de Paulo que junto a três amigos estava fumando um *beck*. Um dos meninos mora com Paulo enquanto os outros dois estavam lá apenas para fumar e tomar um *suco de azul* (rupinol com suco de laranja del valle). Paulo recebe uma ligação de outro *brother* dizendo que já estava ao seu aguardo embaixo do prédio para eles saírem. Paulo levanta pega carteira, celular e chave e me avisa que está saindo e me convida para ir com ele. Pede ao garoto que com ele mora ficar lá por mais meia hora até ele voltar comigo. Enquanto descíamos, ele me disse que tinha uma encomenda para buscar e que preferia que eu vinhesse com ele do que que eu ficasse com os outros meninos. Me explicou que não tinha risco, íamos de carro e num lugar próximo, pegar Skunk. Ao descer, encontramos seu amigo parado dentro do carro e entramos. Seu amigo, cujo eu nunca havia visto, me cumprimentou e logo aumentou o som de Charlie Brown tocando. Descemos em direção a orla e enquanto íamos fui apresentada ao amigo de Paulo que chegou em Maceió há pouco tempo após passar num concurso aqui. Durante o percurso, começamos a conversar sobre a direção, assunto que me levou a falar que estava tirando a habilitação. Ambos já dirigem e começamos a me contar sobre suas experiências com carro, modalidade que irei tirar. Logo chegamos. Era um prédio desses menorzinhos porém arrumado, pintado e com portaria em meio há tantos outros prédios grandes ao seu redor. Estávamos ainda próximos da orla e num dos bairros considerados nobres de Maceió. O porteiro que já conhece Paulo vem até o carro e o cumprimenta com um aperto de mão. Ele explica que seu colega que lá mora estava viajando, mas que tinha avisado sobre a encomenda que o mesmo viria pegar. Retornou ao prédio e saiu com uma caixa dos correios na mão. Eu já tinha ouvido nas rodas dos *dealers* sobre o *corre pelos correios* e já havia ido com Paulo buscar uma encomenda que era de LSD em outro momento. Lembro-me que neste dia dos Correios foi mais ou menos do mesmo jeito. A ida de carro, com ele e mais um motorista. Ele entrou nos correios e o esperamos lá fora no carro até ele voltar com um envelope amarelo que ao abrir tinha algumas folhas e em meio a elas tinha uma *tela*. Ao pegar a encomenda de Skunk, Paulo me entrega e ele agradece ao porteiro. Peço a ele para tirar uma foto e com sua autorização faço algumas fotos. A primeira do pacote embalado, foi tirada assim que ele me passou no carro. A condição era de borrar os endereços. Segundo Paulo, são laranjas, pessoas que não são *esparradas* mas de confiança. O melhor é colocar em condomínio com portaria. Não havia N° de apartamento na encomenda e o fato de ter a portaria ainda para Paulo significa aumento da segurança. A segunda foi tirada após a abertura da caixa. É uma peça de computador como outra qualquer e apenas dentro lá no fundo estava a real encomenda, a terceira imagem. Lembro-me da dificuldade para abrir o pacote que estava todo enrolado com fita adesiva cinza. Paulo chegou a explicar que era para conter o cheiro do skunk que exalava demais, dificultando -caso a encomenda fosse parada- de ser reconhecida, até pelos cachorros. A última imagem é a do Skunk pesado e embalado, contendo 105g. Perguntei a Paulo o porquê de ser 105g e ele me explicou que da última vez veio faltando 5g. O cara então devolveu nesta outra encomenda o que faltou da outra vez. Ainda que já tenha sido pesada, é comum pesar novamente para não haver perda de absolutamente nada. Após *tarar* a balança e pesar, Paulo e seu amigo que tinha ido ao corre começaram a separar. O menino, por ser usuário e gostar de fumar coisa *boa* entrou na *intera*¹³ com Paulo. Enquanto separavam eles admiravam as enormes *belotas* e escolhiam a dedo quem ficaria com qual. O menino pegou suas 25g deixando com Paulo às 80g e foi embora, ocasião que aproveitei e fui também. (Trecho diário de campo, Maceió, março de 2022).

¹³ Forma de uso do verbo "inteirar", no sentido de completar. Completa o dinheiro para fazer o *pedido do corre* recebendo o equivalente ao valor da sua *intera*.



Imagem 5



Imagem 6

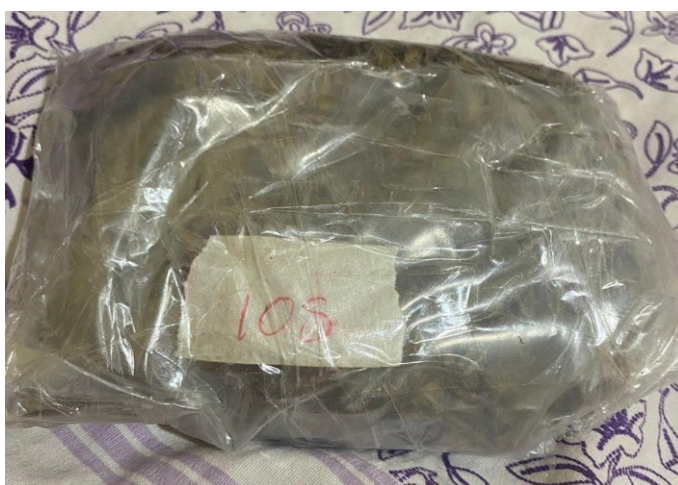


Imagem 7

A internet tem um papel fundamental na venda, na formação e manutenção de redes mais amplas e de divulgação do próprio comércio, porém tudo com um certo tom de anonimato e confiança. A partir da inserção em grupos de Whatsapp não necessariamente *de corre*, mas um grupo da galera, onde estão os vizinhos, casais, os *maconhistas*, os *dealers*, os *brothers*, o qual só tinha acesso quem era conhecido. São comuns então nesses espaços virtuais esses cardápios do que intitulei de Idrugs aderindo a nomenclatura dos jovens.

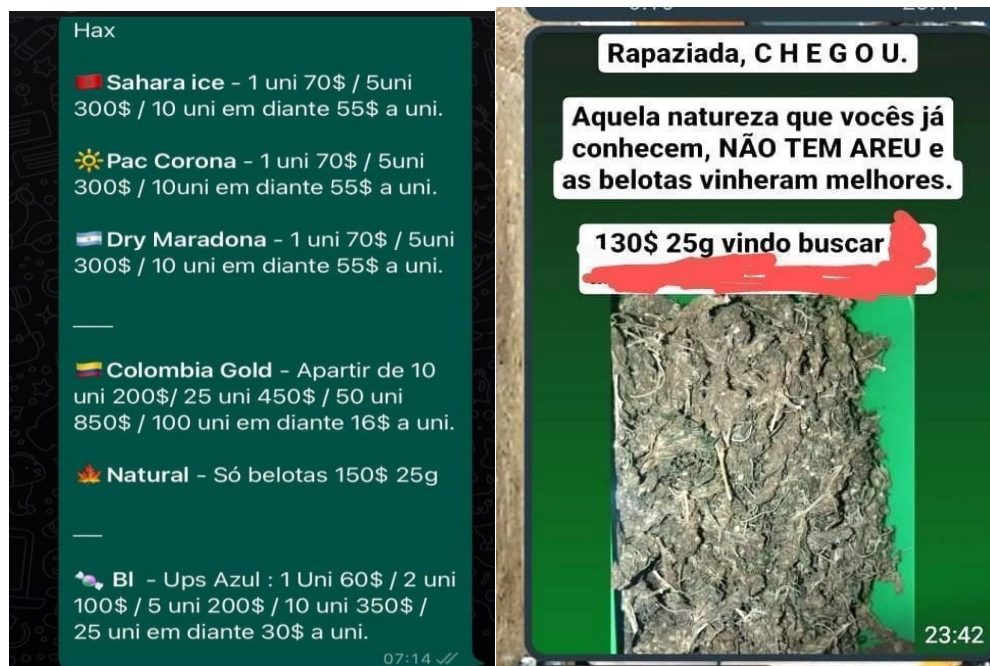
Houve conhecimento de um grupo nacional onde estão inseridos uma estimativa de 50 jovens e adultos, todos homens e de diferentes Estados no qual são postados cardápios como esses variando apenas os preços e as quantidade. Em grupos como esses são feitos “os pedidos” do mesmo modo que os clientes comprem tendo como diferença a questão, dos valores, da entrega e do pagamento, uma vez que são vindos de outros estados.

A entrega pode ser por transportadora (mais cara, mais seguro e mais rápido) ou via correios (mais barato, mais demorado e menos seguro). Os valores “no pedido” são mais baratos e quanto maior a quantia mais barata fica, o frete é por fora e por conta do *dealer* que compra do *contato* de fora. Já o pagamento é via Pix ou depósito, não sendo aceita por todos as TED's que é na verdade alvo de muitas críticas. A partir das TED (Transferência eletrônica de valores) a identificação da movimentação do dinheiro e a ligação entre as pessoas se torna mais fácil, enquanto que o pix e principalmente o depósito são mais difíceis de rastrear.

Amanda que está nesse grupo mencionou um caso que já ocorreu quando um dos jovens enviou o dinheiro por TED mas na descrição do cardápio havia bem claro que não recebia e que se caso fosse depositado o dinheiro seria perdido como um forma de punição para aquele que enviou entender que o crime não é bagunçado. O jovem retrucou inconformado levando a situação para as ideias dentro do grupo, onde ele não conseguiu apoio sendo ainda ameaçado pelo *contato* que indagou: “ Eu uso teu próprio dinheiro para mandar te matar. ”

Como foi assinalado por Amanda . A forma de pagamento é então outra estratégia que tenta dificultar ainda mais algum trabalho investigativo que possa vir a ser feito. As entregas são feitas em endereços e nomes de laranjas ou terceiros para que em hipótese alguma chegue-se até o *dealer*. Abaixo seguem alguns desses cardápios fornecidos também por essa interlocutora que não permitiu a gravação da entrevista e apagou todas as mensagens que foram enviadas por segurança.

Imagem 8 -Cardápio e anúncio no Pvd.



O “cardápio do IDRUGS”, demonstra a estratégia mais comum usada pelos *dealers*: a venda online, uma vez que os traficantes da grota vendem suas drogas parados, em pontos já sabidos e visados como perigosos. O cardápio é apresentado como qualquer outro produto através de uma lista com respectivos valores. Para comprar, o cliente (termo utilizado por vezes aos aderentes, não sendo um termo generalizado para referir se aos consumidores), basta escolher e combinar então a forma de pagamento, quantidade do produto e a entrega.

A relação *dealer*/cliente se inicia com o uso de alguma droga junto a galera, por vezes em espaços abertos ou nas “*PVT's*” que são festas privadas em locais fechados, podendo também se dar através de alguém da confiança de ambos que faça a ponte. Ao ganhar a confiança, o cliente passa a ser então considerado na roda e a depender da sua postura e disciplina ele passa a ter contato e confiança com os *dealers*.

Não é todo cliente que consegue ter o contato (WhatsApp) e a confiança dos *dealers*, isso como em qualquer relação demanda tempo. Quando conquistada a confiança e o cliente e o *dealers* estabelecem uma consideração mútua eles passam então a troca de contatos via WhatsApp. A confiança é alicerce que faz acontecer o “corre”, é algo indispensável, uma estratégia de segurança utilizada por eles. Não há também um ponto de venda ou uma boca de

fumo, a descrição no ato da venda/compra é algo a ser zelado tanto pelo *dealer* quanto pelo cliente.

As transações são combinadas por meio de redes sociais, WhatsApp em sua grande maioria, com cardápios já preparados (ver imagem 1), onde o “cliente” escolhe e recebe, daí surge o “IDRUGS”, em similitude ao “IFOOD”. Os locais das entregas variam entre boates, praças e nos condomínios, seja da pessoa que cliente ou do *dealer*, em locais movimentados e conhecidos como uma estratégia de segurança também, a cobrança do *corre* é feita levando em conta o cliente, a distância, a hora e o *dealer*, estabelecendo um valor pelo serviço delivery.

Vale ressaltar que há traficantes que “não tem transporte” precisando o cliente vir buscar o *produto* no local combinado. As entregas são feitas em até no máximo uma hora por meio de carros e motos. “Os meninos” são aqueles que entregam podendo ser também o próprio *contato* quando este não tem algum “menino” trabalhando para si. É comum que após negociar limpe-se as conversas e apague, evitando assim *sujeira* no celular, mais uma das estratégias de segurança empregadas por eles.

No sábado, conversamos novamente avisando que um amigo de Recife havia passado o contato de outro menino pra buscar . Lorenzo é apenas usuário, nunca tendo traficado em sua vida. Ele mora com os pais e tem 23 anos e trabalha de carteira assinada em um supermercado. Seus pais chegaram a saber que ele fumava, o que ocasionou alguns problemas dentro de sua casa. Ele então evita pegar com desconhecidos, locais onde considera *sujeira* pois preza pela não exposição. Perguntei a ele se poderia acompanhá-lo para buscar. Ele permitiu. O fato de ser mulher é mais tranquilo para quem busca e para quem vende. Sendo uma mulher eu não sou vista como alguém que poderia *cabuetar* ou oferecer algum risco ao *dealer*. Assim como para o Lorenzo nós nunca seríamos parados enquanto estávamos com o flagrante. O bairro onde Renato mora está entre um dos bairros de classe média de Maceió. Lorenzo pegou o contato através de um amigo em comum que fez a ponte e obviamente após a permissão de Renato. Lorenzo fala com Renato e se identifica e pergunta onde pode encontrá-lo. O preço (180) e a quantidade de haxixe (3g) já havia sido combinada com a ponte anteriormente. Apenas o local é acertado com Renato. Ele diz que quando estiver perto de um ponto de referência ele mandaria então o endereço exato. É um meio de segurança adorado pelos dealers. Já ouvi inclusive Paulo dizer que ele costuma perguntar a roupa da pessoa ou veículo para vê-lo antes de ser visto. (Trecho diário de campo, Maceió, julho de 2022).

Normalmente ao pegar o contato está sem foto, status, inclusive nome. É um meio de proteção para eles uma vez que ao ver quem fala é que eles respondem ou apenas ignoram podendo ainda bloquear diretamente a pessoa. Conversando com Paulo uma vez sobre a prisão de um dos *dealers* (na época o mesmo *caiu* quando foi fazer uma grande entrega de LSD), lembro-me ele e os outros que estavam na roda falavam que não se entrega para quem não conhece uma quantia tão grande em drogas. Ouvir ainda que “se alguém cujo contato não

está salvo falar comigo me perguntando por qualquer que seja a droga eu não respondo, eu *pago de doido.*”

Para os meninos isso representa um risco. Uma exposição. Outro fator a ser mencionado é que é uma medida de segurança pedir para que a pessoa grave um áudio confirmando que é ela que fala ao telefone. A partir dos erros de seus colegas podemos dizer que são desenvolvidas estratégias para aumentar ainda mais a segurança deles. Outro fato já mencionado por mais de um dos meus dos meus interlocutores é que nunca deve chegar em um deles já falando sobre algum corre ou como eles falam alguma sujeira. Nunca se sabe quando você está com a polícia.

A maconha natural e prensada ultimamente tem encarecido bastante. Antes da pandemia em 2019, 25 gramas do natural custava cerca de 60 reais enquanto o *prensado* era cerca de 50 reais. Durante o período da pandemia, ocorreu um aumento expressivo no preço da maconha o devido a grandes apreensões realizadas e a queima de pés em Alagoas e Pernambuco, o que ficou conhecido como a *Crise da maconha*. A maconha natural é mais pura, sem químicos e sem prensa, geralmente mais cara, tendo enormes variações de preço e de nomes.

No que concerne aos valores, atualmente, a maconha custa entre 130 a 150 reais 25 gramas. Ambos os tipos eram comercializados também *balinhas* de 1 grama que custava 5 reais, hoje custando 10 reais a 15 reais quando encontrada, não sendo mais comum entre os *dealers* o tráfico de balinhas. O *skunk*, *haxixe*, *shatter*, vão depender de alguns fatores não sendo o preço tabelado.

O *skunk* geralmente custa em torno de 25 a 30 reais a grama podendo sair até 40 reais a depender do cliente- quanto mais brother mas o *dealer* ajeita-. O haxixe depende mais das variações de extração que corresponde a sua consistência e qualidade, do preço embutido no frete para chegar até Maceió, da demanda, da disponibilidade do produto e cliente. Assim, um *Haxixe* mais barato é o *uva* que custa uma média de 30 a 40 reais. Sendo o mais caro o *Ice* chegando a 130 a grama.

Outra estratégia é ter dois números: um pessoal e um profissional. A imagem abaixo ilustra um perfil de venda empresarial da *Hervalife*, um termo que se apropria de uma marca assim como o Ifood para ressignificá-la na roda. Assim, *o perfume da natura*, *Hervalife*, *buquê de flores* são nomenclaturas de rede apresentadas nos cardápios. Esses contatos

circulam numa rede estreita e de confiança, não podendo ser repassado sem autorização prévia.

Imagem 9-Hervalife LTDA

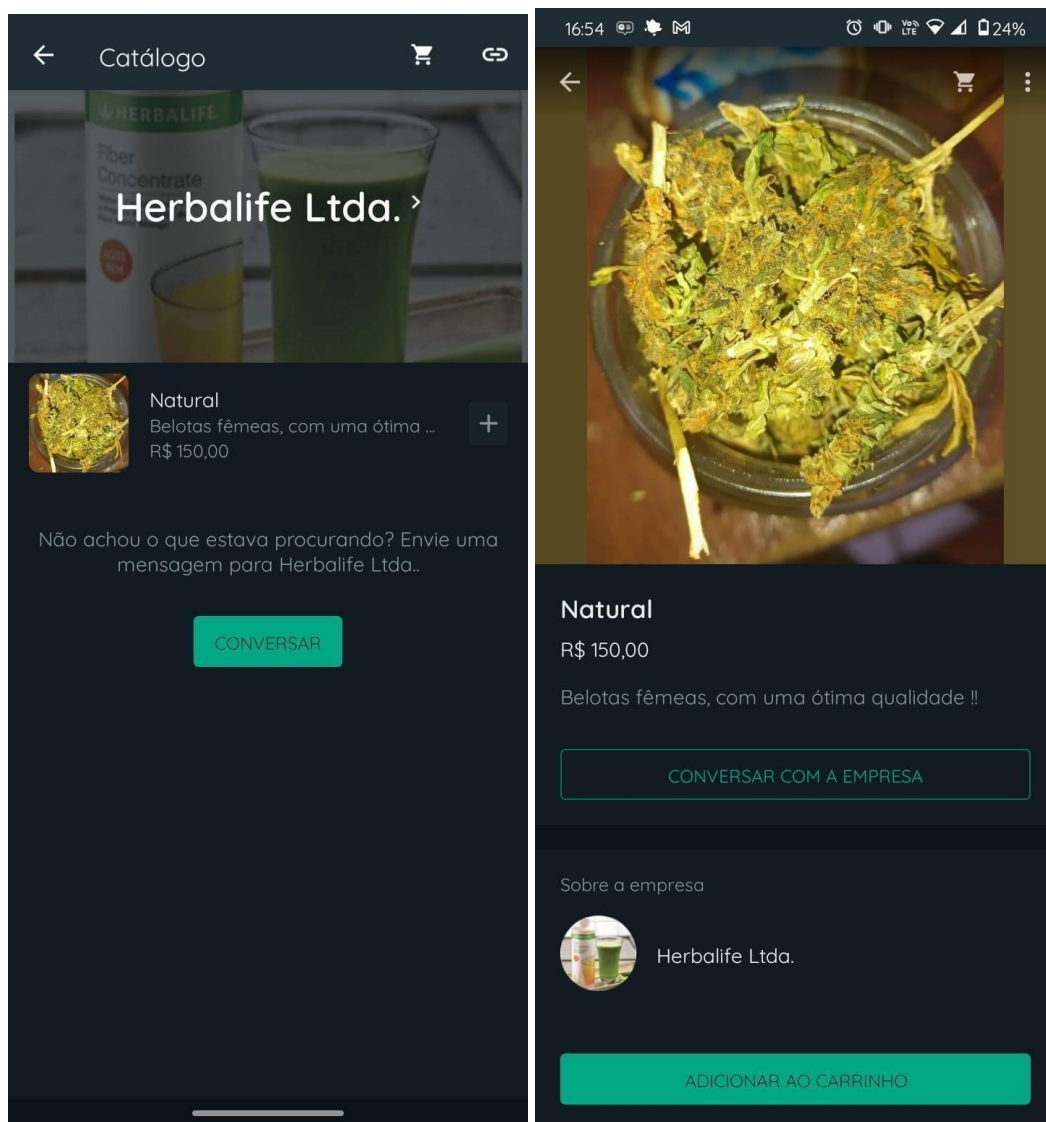


Imagem 10-Venda via web



Hoje!
Natu top
25/130
50/250
100/450

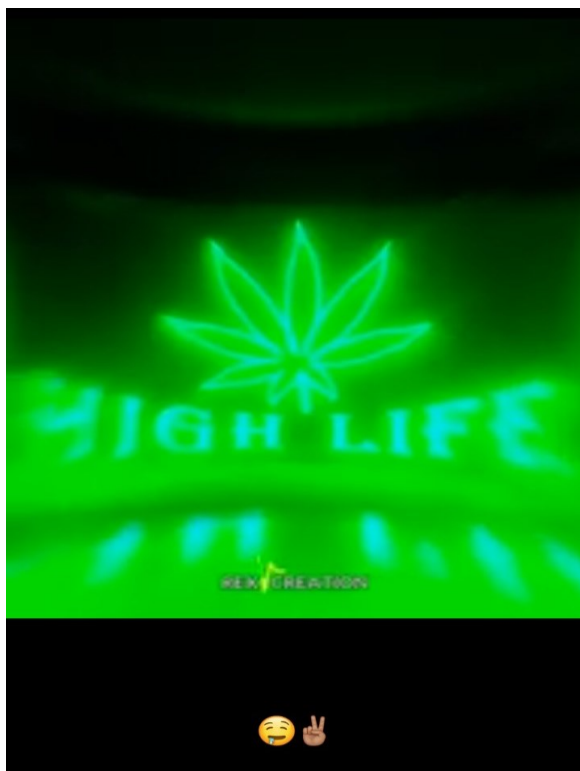
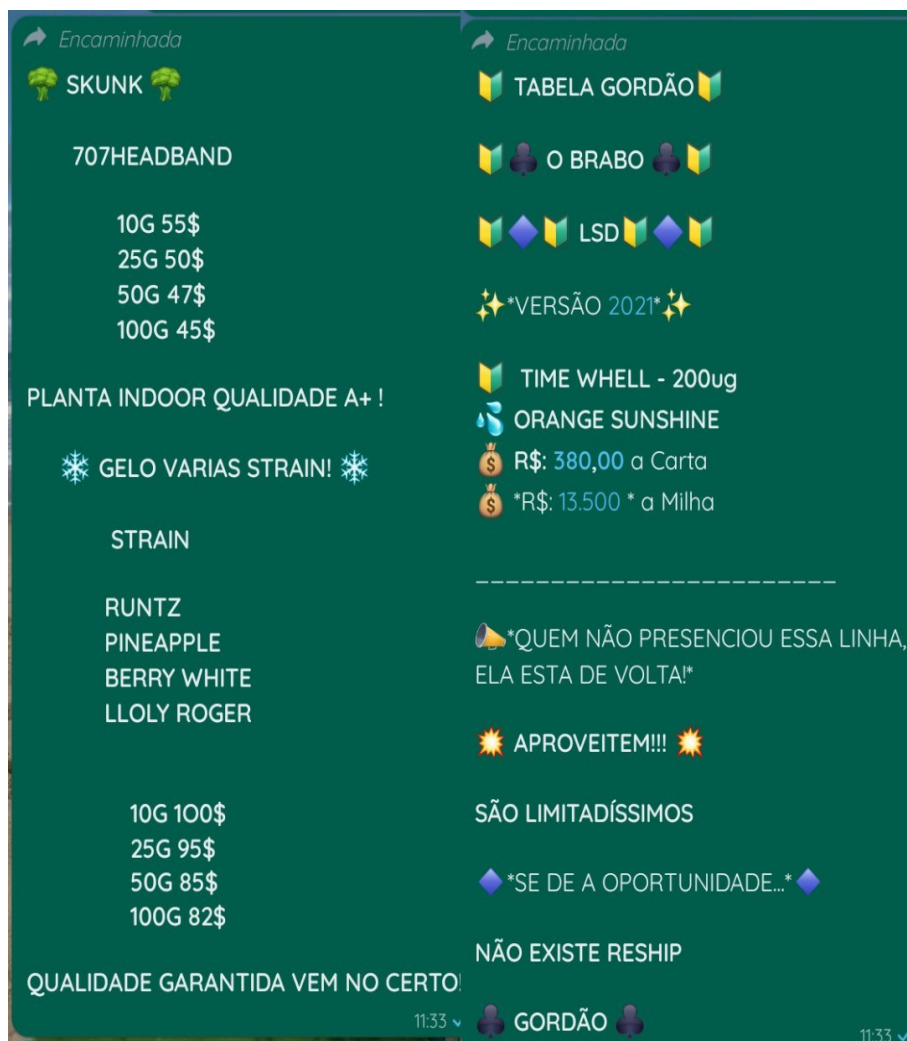


Imagem 11 -Cardápio “Idrugs ” grupo dos pedidos.



Quem recebe esse cardápio são os clientes de maior confiança dos dealers e aqueles que compram sempre, que não costumam “*atrasar o lado*” e aqueles que estão em suas listas telefônicas. Não é comum ser um cardápio enviado a alguém que eles não conheçam e sabem que não são “*sujeira*”, é uma questão sobretudo de segurança e confiança. Mas como são formadas essas redes de clientes? Inicialmente através da “*ponte*”. A ponte representa aquele que conhece o *maconheiro* e o *dealer* e é considerado por eles também, assim a ponte constrói esse vínculo inicial entre dealer e usuário. A ponte é também usuário e costuma ganhar em cima do *corre* feito. Como assinalado por Oliveira, 2011:

No caso do contato entre fornecedores de drogas e os agentes jovens de classe média, verifiquei que podia ser mais íntimo, e obtive relatos em que o próprio usuário assumia a condição de fornecedor, ao comprar pastilhas de ecstasy para os amigos, tirando da revenda o dinheiro para cobrir o pagamento da sua própria *bala*, o que, para ele embora não para lei, de modo algum configura tráfico.

Nesse tipo de transação há duas formas de ganho, ou a ponte cobra um valor mais alto pelo corre até pela questão da sua locomoção para buscar e levar ao usuário, ganhando em cima ou a ponte pede que seja “ajeitado” graças à “fé” que ele fez. Quanto mais você for *brother* menos a ponte ganhará em cima, o que difere para outras pessoas desconhecidas.

Não se pode colocar um amigo “na fita” de um traficante, a não ser que este seja antes consultado e esteja de acordo. Assim, o jovem interessado em “adiantar” (ajudar) seus amigos que queiram adquirir drogas, não pode oferecer o contato de seu fornecedor e deve ele mesmo comprar em maior quantidade e repassar aos amigos. Este é o mecanismo pelo qual as redes se ampliam sem expor demais os traficantes e é também o primeiro passo no envolvimento de um indivíduo na prática do tráfico. Essa passagem de usuário a vendedor não se dá por uma decisão interna que produz algum marco numa trajetória, mas por uma sequência de empreendimentos descompromissados, através dos quais o jovem se encaminha para o tráfico, sem se dar conta da gravidade do processo. (GRILLO, 2008, p. 26).

Em semelhança ao tráfico da grota de Maceió, na rede estudada a droga mais vendida é a maconha. A diferença reside no tipo de maconha vendida nas grotas, a prensada e a natural. Estes são os tipos mais comuns encontrados nas grotas, enquanto o haxixe, o skunk e a natural são os tipos mais comuns vendidos por *dealer* que atendem bairros das classes média/alta. A natural está em terceiro lugar quanto ao consumo e o prensado é quase inexistente. Quando aparece no cardápio, a prensada tende a ser muito mais cara e os usuários reportam que seu fumo é melhor do aquele comprado nas grotas. Contudo, o foco da venda e do uso dos *dealers* são as chamadas especiarias haxixe, skank (kunk/knk) e a flor. As chamadas drogas sintéticas como metanfetamina (*Cristal/MD/ êxtase*), balas (*bl/ comprimidos de êxtase/@*) e LSD (*doce/ppl/papel/#*) estarão presentes também com maior ênfase no tráfico da pista.

5.0 O certo pelo certo, o crime não é bagunça:

Em relação às estratégias de resolução de conflitos empregados na rede, os dealers são considerados mais tranquilos, não fazendo uso da violência acentuada como ocorre no tráfico da grota. Demonstra-se que a hipótese de que o tráfico gera violência, ou de que o tráfico representa um fator importante na questão dos homicídios, não passa de uma inverdade sustentada apenas para dar continuidade à guerra às drogas. Não há o uso da violência e/ou de armas de fogo dentro desta rede de tráfico de classe média que acompanhei. Há no máximo a presença de intimidação pois sendo consumidor ou *dealer* a ideia é dialogar.

Como se resolveram os conflitos apresentados na rede de interlocução em Maceió? Os dealers usam o diálogo inclusive como estratégia para não chamar atenção da polícia, da mídia e das próprias pessoas. Primeiro você conversa numa boa, se for preciso até mais de uma vez, não é comum entre os dealers o uso de armas de fogo sendo essa uma das principais características que os fazem divergir dos traficantes da grota.

Pesquisadora: Então a maioria dessa galera não faz uso de arma de fogo?

Fred: Não, arma de fogo é uso zero, nunca vi na minha vida nesse meio galera andando com arma de fogo, não existe não, ainda mais por causa disso né, pela questão da confiabilidade até porque para ter a confiabilidade precisa ter descrição porque mancha a imagem se você for um cara agressivo e tal você tem que ficar de boa e fumar com seu cliente trocar uma ideia com ele. (Fred, Maceió, dezembro de 2019).

Dar satisfação a quem deve é algo primordial para zelar o laço que se tem. Quando por algum motivo não se pode pagar alguém, o certo é ir até a pessoa e dar-lhe uma satisfação ainda que não pague, o que não deve acontecer é sumir ou fingir que nada aconteceu. Antes de tomar alguma atitude contra alguém é normal que se sente com a roda e converse com os considerados, não podendo tomar logo de primeiro uma *atitude isolada*. A *atitude isolada* é quando o sujeito decide sem os demais membros do grupo o que fazer, agindo assim sozinho e se responsabilizando pelas consequências.

Fred: Eu tive pessoas que ficaram me devendo meses, assim meses de 4 a 5 meses, mas pagaram. Eu acho que tem um limite. Todo mundo tem um limite, mas eu nunca vi muita treta não.

Pesquisadora: Então você acha que tem menos uso de violência?

Fred: Ah, com certeza. Eu acho porque nesse meio rola muita confiabilidade entendeu tanto do vendedor como de quem compra, é uma relação de confiança que tem que ter ali porque a maioria das pessoas que compra com esses

vendedores de classe média são pessoas que não querem numa biqueira e elas não querem na biqueira porque elas não querem imagem dela expostas. (Fred, Maceió, dezembro de 2019).

Levar para as ideias é um termo adotado pelos dealers que remete ao diálogo estabelecido nos grupos faccionados. Segundo Rodrigues, 2020a, p. 7:

“Saber dialogar”, “buscar resolver da melhor forma”, “conhecer a caminhada” para tomar a decisão de “cobrar” expressam um repertório de posturas que ganha crescente valor em espaços cada vez mais interligados por alianças faccionais em regiões de Maceió e do Nordeste, como pude observar pelos trânsitos de garotos de outros estados pelo socioeducativo alagoano.

Assim, apresenta o meio de resolver os conflitos a partir da conversa, meio este menos sangrento onde chamar atenção de forma alguma é interessante, talvez por isso os *dealers* são tidos como menos violentos e perigosos. Dentre os jovens que foram acompanhados nenhum deles andavam armados e sua grande maioria não sabia nem sequer manusear uma arma de fogo.

Por não haver pontos físicos, não há disputas de territórios como podemos observar nas grotas, o *corre* se dá através da escolha do próprio cliente que escolhe com quem comprar a depender do preço e do produto. Há também a ideia de fortalecer o *brother* e respeitar sua caminhada, sendo consideradas atitudes erradas roubar cliente do seu amigo, delatar alguém da roda ou *cabuetar*, estas não são atitudes toleradas, as normas de convivência são legitimadas pelo meio.

Porém ainda que a *cabueta*¹⁴ não seja algo tolerado pelo meio foi um dos elementos fundamentais em três trajetórias dos dealers que chegaram a ser encarcerados. Dentro da rede pude acompanhar a prisão de nove jovens, nos quais apenas um foi por homicídio. Vale ressaltar que este se identificava apenas como usuário, não tendo qualquer relação com tráfico evidenciada seja por mim ou pela própria rede. Este foi autor de duas tentativas de homicídios, o que acabou por culminar em um homicídio que levou a sua prisão em 2021.

Dialogando com alguns interlocutores que passaram pelo sistema, foi possível atribuir três fatores às prisões destes: o primeiro foi a suspeita de denúncia anônima, como foi o caso

¹⁴ A cabueta seria o ato de delatar ou denunciar o brother a polícia para salvar a própria pele. Favorecendo-se assim em prol de alguma informação valiosa para polícia onde o brother é dedurado. Sendo então uma atitude recriminada que originou o bordão: “Cabueta morre cedo.” O cabueta pode estar não só em contato com a polícia, mas com grupos rivais também.

de Joana. Ela já foi entrevistada por mim três vezes, sendo a primeira assim que ela havia saído do sistema penitenciário, ocasião em que eu fazia um trabalho sobre repressão policial. A prisão de Joana foi para os que a conheciam, um tremendo choque.

Após a retirada dela e de seu companheiro de um dos grupos de WhatsApp, foi noticiado que devido uma denúncia anônima cujo foco era a casa de seu vizinho, Joana havia sido levada presa com acusação por tráfico de maconha. Tanto Joana quanto seu companheiro eram *maconheiros*, tendo em casa um *kit pala* e uma balança de precisão, porém não tinham maconha ou outra coisa que a incriminasse além da balança.

Pesquisadora: E a outra abordagem que você sofreu na sua casa? Como foi?

Joana: Aí foi, aí foi assim, eu só me acordei e eles já estavam dentro da minha casa...

Pesquisadora: Eles invadiram sua casa?

Joana: Sim, eles invadiram minha casa. Tava fechada no cadeado, e eles pocaram com a (ar pensativo) ... como é o nome daquilo?

Pesquisadora: Com alicate?

Joana: Sim, com um alicate e eu já acordei com os três dentro de casa com arma na minha cabeça, dizendo: "Cadê seu marido traficante? A casa caiu" Nisso eles me levaram de pijama e tudo.

Pesquisadora: E porque eles invadiram sua casa?

Joana: Porque falaram que tiveram uma denúncia, mas que não foi para minha casa, foi para casa vizinha, só que eles entraram na minha casa também.

Pesquisadora: Teve alguma justificativa para eles terem entrado lá?

Joana: Teve, porque a janela tava aberta e eles olharam da janela, e tinha uma balança.

Pesquisadora: Uma balança de precisão, que caracteriza tráfico de drogas?

Joana: Sim, uma balança de precisão.

Pesquisadora: É, você tinha alguma droga? Maconha, sei lá?

Joana: Não, eles implantaram para mim. Colocaram 56g de maconha junto com a balança. Eu só tava com a balança em casa. (Joana, Maceió, dezembro de 2019).

Joana foi presa dentro de sua casa onde não havia drogas, mas a balança caracterizou o tráfico tendo ela sido levada do jeito que foi acordada para a delegacia. Ninguém de seus

familiares foi avisado e sua casa ficou aberta o que resultou para Joana além da prisão a perda de vários objetos de valor que foram saqueados. Apesar de consumir, pontualmente foram as vezes que realizou algum *corre*, no qual a maioria era visando mais o próprio uso ao invés do lucro, como relatado por ela em entrevista quando me contava sobre a primeira abordagem que havia sofrido:

Joana: Não. Eu peguei assim para fazer do nada. Tipo eu peguei 5g e fui e disse meu irmão fiquei lisa depois que peguei as 5g. Tô lisa agora e vou querer beber uma cerveja e pá. Aí peguei e fiz os pinos para vender e pronto.

Pesquisadora: Mas tipo foi a única vez que você se envolveu com isso ou não? Ou já teve outras vezes que você fez visando o lucro?

Joana: Não, essa aí foi a primeira vez né? Mas eu já fiz outras vezes [...] eu não tava fazendo aquele corre porque eu achava massa. Era uma precisão, tá ligada? Eu não tava trampando, tá ligada? Não era chamada, vei eu metia currículo, botava que só a p*st* mas não era chamada.

Pesquisadora: Mas quando você começou a ter esse contato com isso para ter essa ideia, como foi? Foi sozinha mesmo?

Joana: Isso aí veio da minha mente mesmo porque tipo desde a minha adolescência, desde os 13 anos, que eu já via porque eu já usava e eu via aquilo acontecendo então veio da minha mente mesmo. Eu via os caras ganhando dinheiro até porque eu pagava né.

Pesquisadora: E via como acontecia... você alguma vez já fez pensando em usar? Tipo vender só para usar? Sem receber dinheiro.

Joana: Não, não, quer dizer já, já. Junto com meu ex companheiro já aconteceu sim.

Pesquisadora: Mas era o que? Maconha? Pó?

Joana: Pó.

Pesquisadora: Você tinha medo de vender? Porque nas entrevistas que eu tenho realizado, geralmente os meninos têm medo. Por exemplo, eles dizem que o usuário incomoda muito, de madrugada, aquela coisa batendo na porta querendo...

Joana: Não, porque assim onde eu fazia isso não era na minha casa e não era em nenhuma boca, era tipo em *rolê* aleatório. Entendeu? Assim do nada. Eu pegava 5g, *tava de baixa*, tipo tava só com o dinheiro das 5g aí pra mim poder fazer mais eu fazia isso e pra *cheirar* também né? Até porque eu sou usuária.

Pesquisadora: Mas você fazia isso com maconha?

Joana: Não, só com pó mesmo. (Joana, Maceió, dezembro de 2019).

O segundo fator apontado foi a investigação policial que teria levado à prisão quatro jovens- de nove quase como um efeito dominó que passaram pela experiência do cárcere- que foram presos com um intervalo de apenas quatro meses do mesmo ano. E em terceiro lugar, a

cabuetagem que apareceu em três dos casos. A cabuetagem, apesar de ser algo abordado por esses interlocutores, os quais inclusive saberiam o nome de quem os *cabuetou*, não foi cobrada. Para Pietro, um de meus interlocutores, apesar de saber quem foi, não vale a pena cobrar. Primeiro porque não é válido alimentar um ciclo de vingança por não se saber onde isso pararia. Segundo porque a exposição (ainda que preso) não é algo desejado nem por ele e menos ainda pela família que algumas vezes é pega de surpresa. Assim, ainda que haja a suspeita e/ou o nome do *cabueta*, este não seria responsabilizado por correr com o GECOC (Grupo Estadual de Combate às Organizações Criminosas). Houve ainda o caso de Fábio o primeiro a ser preso da galera por *cabuetagem*.

Em 2019, não me recordo o mês exato começou a *cair* vários desses meninos que compõem a rede dos dealers. Eles estavam envolvidos com o tráfico de classe média. Na prisão do primeiro, Fábio, Romeu estava envolvido. Foi acusado de *cabuetagem*. A galera comentava que Fábio estava com pouco mais de 300 gramas de maconha e uma balança, o que lhe custou quatro meses no *sistema*. Quando foi chamado para levar um *corre* para Romeu nas proximidades de sua casa. Ao chegar no local combinado, Romeu estava acompanhado da polícia. Ao ver a viatura, Fábio saiu correndo e foi perseguido pelos policiais. Acabou sendo pego, teve sua casa invadida e foi preso em flagrante. Romeu foi liberado por colaborar. Vários outros meninos ficaram com medo, pois na versão de Romeu: "os *p2* já sabem de tudo, eles estavam com o celular do Fábio clonado não era sua culpa." Já sabia de todo o *corre* dele, os *cara* já o pararam sabendo seu nome. O que ele ia pegar, com quem e onde também não era novidade para a polícia, ainda na versão de Romeu. Ele teria apanhado até entregar o celular. A polícia o utilizou então marcando o encontro na casa Fábio. Romeu, disse que "eles já sabiam o que tinha lá dentro." Nada foi feito a Romeu até mesmo quando Fábio foi solto. Não houve vingança nem ameaças, tudo foi resolvido no diálogo. (Trecho diário de campo, Maceió, fevereiro de 2019).

Mas qual "punição" receberia então o *cabueta*? A *perda do convívio*. Perder o *convívio* significa perder não só a confiança, como a lealdade e a vantagem de pegar e adiantar mercadorias com os dealers ou para seus contatos. O *cabueta* é *queimado na roda*, passa a não fazer mais parte daquela rede, estando sobre ele sempre a desconfiança, ainda que não tenha sido comprovado a cabuetagem em nenhum dos casos acima citados, os *cabuetas* recebem o estigma de alguém cujo não se pode confiar justamente por *correr com GECOC*.

Pensando ainda nessa questão dos conflitos, há um termo que merece destaque: *A tiração*. *Tiração*, vem da expressão *tirar como otário ou tirar de otário*, e, representa uma atitude desaprovada pelo grupo. Contudo, as *tirações* podem ser dos mais diversos tipos, pode ser um *corre rosa*, uma *cabuetagem*, o enrustimento ou *ratiar* alguma droga. Abaixo seguem três exemplos de *tirações* registradas em diário de campo e postado na web.

Ruan foi se envolvendo cada vez mais com os ditos *corre rosa*. Sempre que ia pegar alguma coisa tinha uma história que ele havia *tirado* a pessoa. Se ia pegar maconha ao pesar estava faltando. Por vezes chegou ao meu conhecimento o fato dele ter pego dinheiro de algumas pessoas para fazer uma ponte e desapareceu. Lembro que muitos dos meninos falavam sobre isso na praça e sempre estavam um ou outro perguntando por ele pelas inúmeras *tirações*. Ele começou então a cair no conceito da roda, não sendo confiável a ele mais dinheiro ou alguma coisa no "f". A gota d'água se deu quando ao procurar um dos meus interlocutores para pedi-lhe ajuda para *se levantar*, Ruan pegou um produto no *f*¹⁵ para adiantar e fazer dinheiro para pagar a quem devia. Vitor confiou-lhe uma certa quantia de cocaína (cujo não mencionado por ele em nossas conversas), e como já era esperado por todos ele sumiu novamente. Foi quando um belo dia à noite Vitor foi surpreendido pela visita de uma guarnição em sua casa na qual Ruan estava no camburão. Vitor por ser alguém mais velho e instruído, conversou com a guarnição sem esses adentrarem em sua casa levando de volta Ruan que depois desse episódio *perdeu o convívio*. (Trecho diário de campo, Maceió, abril de 2021).

Os distribuí na mesa enchendo-os com o referido suco. *Colou* em Paulo e firmou que seria o segundo da *roda*. Pegou o beck e retornou para o sofá. Ficou lá fumando sozinho até que Paulo disse: “Esse playboy é fod*, acha que ninguém tá vendo, você pega o negócio, sai da roda e fica fumando só.” Comecei a perceber que havia uma certa tensão aumentando ali. Thales estava fazendo questão de firmar que ele havia pago pelo haxixe e pelo suco. Parecia estar se incomodando com o fato de ter que dividir com Rafael. Essa impressão não foi só minha mas também de Rafael que chegou a ressaltar para Paulo em voz baixa :” Ele tava aqui né, quem arriscou a vida foi eu. Eu quem subi a grota pra pegar e nem o dinheiro ele tava conseguindo mandar. Tá vacilando.” Até o beck acabar essas farpas foram sendo lançadas entre eles. Quando acabou o beck, Thales separou um envelope de tabaco que teria dividido com Paulo e com intuito de bolar mais um deu-se conta que havia perdido sua grama de haxixe que havia pego. O suco já estava pela metade e eles já pareciam estar *viajando*. *Viajando* no sentido de estarem mais lentos e dispersos. Não havia exaltação de voz. Ameaças ou agressividade em seus tons. Começou aí a *arriação de lombra da galera*. Thales começou a mobilizar nós três a procurar seu haxixe que segundo ele havia colocado num bolso furado e teria caído. Rafael retruca: “Oxe mano, tu sabe que teu bolso está furado e ainda assim guarda as coisas nele, tá de *tiração* né?”. (Trecho diário de campo, Maceió, agosto de 2022).

Imagem 12- A *tiração* da massa de modelar

¹⁵ *No f* é uma gíria usada para se referir ao pagamento a prazo, onde o cliente leva a mercadoria e acerta o pagamento alguns dias depois.



Antes de finalizar vale destacar que apesar das menções ao GECOC¹⁶, nenhum dos entrevistados que compõem a rede se dizem faccionados. Sendo sempre os brothers que breçam o *vacilão* e este *perde o convívio*. O termo *corre rosa* representa um *corre* que deu errado não chegando a se efetivar. Os motivos podem ser desde apreensão da polícia, ou, *tiração* do *dealer* ou do *contato* com o cliente.

6.0 Conclusão

¹⁶ GECOC é o Grupo Estadual de Combate às Organizações Criminosas, instância de investigação e acusação de pessoas que se tornam alvo de buscas e operações policiais, instituído no âmbito do Ministério Público alagoano pela Resolução nº 3/2006.

Há uma carência de trabalhos que tratem especificamente do tráfico de maconha, sobre a maconha e os efeitos da sua proibição em Maceió, sendo isto um tema muito tabu ainda na cidade. A Marcha da Maconha realizada em 26/11/2022 foi às ruas na orla de Ponta Verde com cerca de 30 pessoas, sendo criminalizada na internet e recebendo diversas críticas.

Em Maceió, em 13 de junho de 2022, houve uma audiência pública promovida por dois deputados estaduais composta por diferentes atores e atrizes: uma bióloga e professora da UFAL, médicos, atores do judiciário, mães de crianças que fazem o tratamento a base do canabidiol, membros da ABRACE, lideranças ativas do coletivo negro em Maceió e da marcha da maconha Maceió. O foco era a partir do discurso científico refletir sobre o uso medicinal da maconha para diversas doenças como Alzheimer, artrite, depressão, ansiedade, epilepsia etc., exaltando as contribuições medicinais da planta.

Foram debatidos ainda questões sobre o encarceramento de jovens e negros por causa da apreensão de pequenas quantias de maconha. Essa audiência transformou-se num projeto N° 979/2022 que foi aprovado em agosto transformando na lei 8.754¹⁷, de autoria do deputado estadual Lobão (MDB), sancionada pelo presidente da Assembleia Legislativa de Alagoas, Marcelo Victor (MDB) autoriza o acesso universal ao tratamento de saúde com produtos de cannabis e seus derivados. É necessário a abertura do debate em Maceió sobre a maconha, o tráfico e o encarceramento.

Este trabalho foi uma tentativa de explorar o tráfico de maconha a partir de uma perspectiva recente e até então pouco debatida, de atores e atrizes da classe média. Evidenciou-se que os *dealers* não se veem como traficantes ou criminosos, fazendo uso da mesma distinção empregada pela Segurança pública, onde o estigmatizado é o jovem negro e periférico o tipo mais conhecido de traficante. São jovens de áreas mais pobres, no caso de Maceió as grotas, que ficam mais expostas à situação de vulnerabilidade. Estes são os alvos da polícia, do judiciário e até da sociedade conservadora que costumam os matar em nome da paz, da ordem social e da guerra às drogas.

A partir dessa distinção, foi explanado algumas características próprias ao tráfico da maconha na classe média, apontando para as estratégias empregadas por esses atores nesse mercado. Assim, há duas maneiras empregadas para a venda na web através dos cardápios do Idrugs: divulgações no próprio perfil ou divulgação no privado do cliente. Todas as

17

<https://www.jornaldealagoas.com.br/politica/2022/11/09/9607-novo-negocio-plantio-de-maconha-medicinal-e-liberado-em-alagoas>

negociações são feitas pela internet e as entregas realizadas em pontos aleatórios, sempre com movimento e de maneira rápida.

A confiança, como uma estratégia de segurança, tem um papel fundamental no *desenrolo*, principalmente porque os *dealers* e os consumidores não querem se expor. O consumo é outra questão central, por ser parte do cotidiano desses dealers, e, devido às peculiaridades do consumo na rede estudada, como a *copada de haxixe* por exemplo. No que concerne aos conflitos os quais pude acompanhar na rede, denúncia anônima, investigação policial, *corre rosa* ou a *cabuetagem* são apresentadas como fatores causadores de conflitos chegando a culminar na prisão de alguns destes jovens. Os conflitos entre os dealers são resolvidos no diálogo, sem uso de violência ou arma de fogo, podendo chegar no máximo a uma intimidação.

7.0 Referências bibliográficas

BARBOSA, Ivan Fontes . **A Estabilização das Representações Criminais e Psicotrópicas dos Usuários e dos Usos da Maconha no Brasil**. REVISTA TOMO , v. Único, p. 277, 2022.

Becker, Howard S. 2008 [1963]. **Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CARVALHO, A. R. B. . **Cadeias de tensão: Repertórios disciplinares de facções e do sistema em unidades de internação alagoanas**. 2021.Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Alagoas.

CÉSAR Alvarez e MORAES Bodê. **Dossiê: Sociologia da Punição e das Prisões**. Tempo soc. Vol. 25, no. 1, Jun. 2003. São Paulo. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/S0103-20702013000100001>

Daudelin, J. ; RATTON, J.L. . **Mercados de Drogas, Guerra e Paz no Recife**. TEMPO SOCIAL (ONLINE) , v. 29, p. 115-132, 2017.

FELTRAN, G. S. . **Governo que produz crime, crime que produz governo: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992-2011)**. Revista Brasileira de Segurança Pública , v. 6, p. 232-255, 2012.

IORE, Maurício. **O lugar do Estado na questão das drogas: O paradigma proibicionista e as alternativas**. Novos estud. - CEBRAP no.92 São Paulo Mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002012000100002>

GRILLO, C et al. **A dura e o desenrolo: efeitos práticos da nova lei de drogas no Rio de Janeiro**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 19, n. 40, p. 135-148, out. 2011.

GRILLO, C. C. . **Entre cálculos e dívidas: A dinâmica das relações comerciais no tráfico de drogas praticado por jovens de classe média no Rio de Janeiro**. In: Michel Misse;

Alexandre Werneck. (Org.). **Conflitos de (Grande) Interesse: Estudos sobre crimes, violências e outras disputas conflituosas**. 1ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, v. 1, p. 227-248.

GRILLO, C. **FAZENDO O DOZE NA PISTA: Um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média**. Dissertação de mestrado-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA, Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 128. 2008.

GRILLO, C. **O “morro” e a “pista”: Um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas**. In *Dilemas*, 2008, p. 127-148.

LIMA, Carla Patrícia Serqueira. **As Mulheres nas redes do tráfico de drogas em Alagoas**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

MISSE, Michel. «**Trocas ilícitas e mercadorias políticas: para uma interpretação de trocas ilícitas e moralmente reprováveis cuja persistência e abrangência no Brasil nos causam incômodos também teóricos**», *Anuário Antropológico* [Online], v.35 n.2 | 2010, posto online no dia 30 outubro 2015, consultado o 28 abril 2021. URL: <http://journals.openedition.org/aa/916> ; DOI: <https://doi.org/>

NASCIMENTO, E. O.; SANTANA, Luciana . **Quando Nenhum Lugar é Seguro: A Violência Contra Corpos Negros em Alagoas**. *Argumentos*, v. 18, p. 75-93, 2021.

NUEZ, Izabel Saenger. ; VERISSIMO, M. . **Escorregadios e aderentes: trajetórias de pessoas incriminadas por tráfico e sua classificação no sistema de justiça criminal**. <https://doi.org/10.31060/rbsp.2021.v15.n2.1288> , v. 15, p. 226-243, 2021.

OBERLING, A. **Maconheiro, dependente, viciado ou traficante? Representações e práticas dos policiais militares sobre o consumo e o comércio de drogas na cidade do Rio de Janeiro**. In: *Territorialidades, tipos sociais e “atitude”: A construção da suspeita e a*

abordagem policial. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. p. 106-178.

OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de ; **Esse "barato" é ou não caro? Consumo de drogas e inserção social.** Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social , v. 4, p. 41-64, 2011.

PEIXOTO, Lênora Santos. **“Não tem cara de usuário”: perspectivas e estigmas nas audiências de custódia por crimes de tráfico de drogas.** Acesso em: 20 de setembro. 2022. Online.

ROCHA, Andréa. **Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas.** Serv. Soc. Soc. no.115 São Paulo July/Sept. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282013000300009>

RODRIGUES, Fernando de Jesus. **“Corro com o PCC”, “Corro com o CV”, “Sou do crime”: facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 35, n. 103, p. 1–21, 2020a.

RODRIGUES, Fernando de Jesus; Carvalho, Ada Rízia Barbosa de; Santos, Alana Barros. **Notas sobre redes de proteção: facção, família e crime em periferias urbanas de Alagoas.** Diversitas Journal, v. 5, n. 3, p. 2297–2316, 2020b.

SANTOS, Sérgio da Silva. **Facções Criminosas Em Alagoas: Violência Urbana, Racismo, Sociabilidades Juvenis e Territorialidades.** Maceió: Ed. do autor, 2021. p. 57-102.

SILVEIRA, Fernanda Thaís Bernardo. **Os critérios que diferenciam traficante de usuário de drogas sob a análise da lei de tóxicos Nº 11.343/06.** Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Direito) - Centro Universitário Tiradentes, Fortaleza, 2020.Maceió, 2019.

SOUZA, Mario Francisco Pereira Vargas de. **Crítica a política criminal de drogas a partir de um estudo sobre as pessoas presas por tráfico de drogas sintéticas e convencionais no estado do Rio Grande do Sul.**In: _Modalidade(s) de tráfico de drogas e as pessoas

autuadas por tráfico de drogas.Dissertação (mestrado em direito)- Universidade La Salle, Canoas, 2019. p. 53-102.

ZACCONE, Orlando. **Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas**. Rio de Janeiro: Revan, 2011. 3ª edição. 2011.